

AUTORES & LIVROS

Ano 10
7/5/1944 SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A MANHA" Vol. VI
publicado semanalmente, sob a direção de Mucio Leão (Da Academia Brasileira de Letras) Núm. 15

Notícia sobre Sílvio Romero

Sílvio Romero — cujo nome verdadeiramente Sílvio Vaz — nasceu da Silveira Ramos — na vila do Lagarto (nôdo) em Sergipe, em 21 de outubro de 1851. Era filho de André Ramos Romero e dona Maria Vasconcelos Vaz da Ramos.

Naquela época, sótia semanas que quando uma epidemia de amarela invadira o Lago e se estendia por outras cidades do Norte. O pequeno foi então levado para o Rio das Suas avós maternas — Engenho Moreira — quatro leguas de distância, ali chamada Piauí. Ali viveu os cinco anos de idade. Mais tarde, no depoimento biográfico que deu a do Rio para o inquérito do Jornal Literário, o escritor conta essa fase inicial da sua vida, atribuindo a esse período convívio em que estudou com a gente moçambiquesa e chama de posses do Brasil, certas origens e certos perdes do Brasil.

Deixou Sergipe outra vez — com 16 anos de idade. Sílvio Romero se vê a dar ao Ensejo de Idade, e regressar ao Lagarto. Sílvio nasceu cidadão de seu país ali mesmo de idade. Ali iniciou estudos primários, cursou a escola mista do prefeito Edmundo.

Em parte para a Corte, de vir estudar os preparatórios.

Em 57 está matriculado na aluna interna, no Ateneu Municipal, dirigido por Mário Antônio Pedro dos Reis.

Em 68 regressa ao Norte, matriculando-se no primeiro ano da Faculdade de Direito do Recife, tendo como colegas de naquela estabelecimento o de Magalhães, o brilhante de romancista e folclorista, o próprio Sílvio mais evocada com tanta saudade.

Antônio Herculano de Barreiros, Domingos Coelho, outro romancista ilustre, Fernando Luis Osório e Joaquim Galvão, que chegaram a membros do Supremo Tribunal; Joaquim Ferraria Chaves Júnior, que chegou a governador do Rio Grande do Norte e a ministro da Marinha e da Justiça; Francisco Nelva, que foi senador para a Paraíba e ministro do Supremo Tribunal Militar.

Em Recife, encontra Sílvio, Tobias Barreto, seu conterrâneo, e desde logo a mais estreita compreensão os liga. Tobias cursava o 4.º ano quando Sílvio se matriculou no primeiro.

No ano seguinte, começo Sílvio a sua atuação jornalística, publicando a monografia *A Poesia contemporânea e a sua influência naturalista*. Desde então, mantém sua colaboração, ora como ensaista e crítico, ora como poeta, nas folhas recifenses, convindo citar entre estas *A Crônica*, que ele próprio dirigiu juntamente com Celso de Magalhães; *O Americano*; *O Correio de Pernambuco*; *O Diário de Pernambuco*; *O Movimento*; *O Recife*; *A República*; *O Trabalho*; *O Liberal*.

Em 12 de novembro de 1873, tinha concluído o curso de Direito. Parte então para o Lagarto, em visita à família. Diz Carlos Susskind de Mendonça que no ano seguinte ele foi promotor público na cidade sergipana de Estância. E logo depois é deputado provincial.

Em 74, porém, regressa ao Recife, para tentar fazer-se professor de Filosofia no Colégio das Artes. Realiza-as o concursos no ano seguinte e é ele classificado em primeiro lugar.

Mais a Congregação resolveu adiar o concurso, convocando os candidatos a nova prova, a ser realizada em 76. Em março de 76, porém, Sílvio resolve defender teses, para conquistar o grau de doutor. E nesse mesmo ano que Sílvio se ergue contra a Congregação da Faculdade de Direito do Recife, discutindo o estabelecimento, com professores como Távora Belo e Coelho Rodrigues e o diretor do estabelecimento, Paula Batista. Foi na arguição de Coelho Rodrigues que se travou o famoso diálogo. Sílvio, acusado por Coelho Rodrigues de, sendo contrário à metafísica, reuniu um argumento a posteriori retruca:

— Nisto não há metafísica, sr. dr. — Há lógica.
Coelho Rodrigues:
— A lógica não exclui a metafísica.

Sílvio:
— A metafísica não existe mais, sr. dr. — Se não sabia, saiba.

Coelho Rodrigues:
— Não sabia...
Sílvio:
— Pois vá estudar e aprender para saber que a metafísica está morta.

Coelho Rodrigues:
— E quem a matou foi o senhor?

Sílvio:
— Foi o progresso, sr. dr. I Fol a civilização, sr. dr.!

E ergue-se imediatamente arrastando os livros que havia levado e que se achavam sobre

a mesa, e exclamando:

— Não estou para abalar essa corja de ignorantes, que nada sabem de nada.

E ainda abandonou a sala da Faculdade. Foi então submetido a processo de injúria pela Congregação, tendo sido plenamente absolvido (dis Arminio Guaraná); não tendo o processo ido adiante (dis Susskind de Mendonça).

Ainda em 76 veio ele ao Rio. Regressa ao Recife no ano seguinte e casa-se com dona Maria Diamantina de Araújo, filha de João Firmo Correia de Araújo, e irmã do poeta e jurista pernambucano, Francisco Almino Correia de Araújo.

Em 76, deixou Recife e veio fixar residência no Sul. Vai para Parati, como juiz municipal, e ali demora dois anos e meio. Em 79 está morando no Rio e começo logo a colaborar em *O Repórter*, de Lopes Trovão.

Em 79, porém, regressa ao Recife, para tentar fazer-se professor de Filosofia no Colégio das Artes. Realiza-as o concursos no ano seguinte e é ele classificado em primeiro lugar.

Mais a Congregação resolveu adiar o concurso, convocando os candidatos a nova prova, a ser realizada em 76. Em março de 76, porém, Sílvio resolve defender teses, para conquistar o grau de doutor. E nesse mesmo ano que Sílvio se ergue contra a Congregação da Faculdade de Direito do Recife, discutindo o estabelecimento, com professores como Távora Belo e Coelho Rodrigues e o diretor do estabelecimento, Paula Batista. Foi na arguição de Coelho Rodrigues que se travou o famoso diálogo. Sílvio, acusado por Coelho Rodrigues de, sendo contrário à metafísica, reuniu um argumento a posteriori retruca:

— Nisto não há metafísica, sr. dr. — Há lógica.
Coelho Rodrigues:
— A lógica não exclui a metafísica.

Sílvio:
— A metafísica não existe mais, sr. dr. — Se não sabia, saiba.

Coelho Rodrigues:
— Não sabia...
Sílvio:
— Pois vá estudar e aprender para saber que a metafísica está morta.

Coelho Rodrigues:
— E quem a matou foi o senhor?

Sílvio:
— Foi o progresso, sr. dr. I Fol a civilização, sr. dr.!

E ergue-se imediatamente arrastando os livros que havia levado e que se achavam sobre

A POESIA É COMO A MUSICA

SILVIO ROMERO

A poesia deve ser sempre a expressão de um estado emocional, subjetivo íntimo. E' como a música — é vaga e não deve ser submetida a exigências demonstrativas. Ela por que tocos os formuladores de teses, quando passam à experiência, nada fazem de aproveitável; é sempre uma poesia de "arrêve pensée", premeditada, vestida em umas japonas doutrinárias, sem espontaneidade, sem limpides, sem estudo, sem graça, uma coisa terrível em suma. (Estudos de Literatura Contemporânea).



SILVIO RIBEIRO

SUMÁRIO

PÁGINA 229:

Notícia sobre Sílvio Romero.
O trabalho do poeta, de Silvio Romero.

PÁGINAS 230 e 231:

Sílvio Romero, de Clovis Bevilacqua.

Bibliografia de Sílvio Romero.

O Mal de não saber agradar, de Sílvio Romero.

O Brasileiro e o Português, de Sílvio Romero.

PÁGINA 232:

Idéias e Opiniões de Sílvio Romero, de José do Rio.

PÁGINA 233:

Desacordo com Tobias, de Silvio Romero.

Contos populares, de Silvio Romero.

A Raposa e a Gegenha.

O cagado e o teu.

PÁGINA 234:

Arte e Ciência, de Sílvio Romero.

Sílvio Romero, numa síntese de Sousa Bandeira.

A questão de estilo, de Sílvio Romero.

Um programa de trabalho, de Sílvio Romero.

Sílvio Romero num conceito de Machado de Assis.

PÁGINA 235:

Sílvio Romero, polemista (Trecho de estudo), de Sílvio Romero.

Sílvio Romero, de Ronald de Carvalho.

PÁGINA 236:

Correspondência de escritores. Uma carta de Sílvio Romero a João Ribeiro.

Carta de Sílvio Romero a Couto de Magalhães.

O nome de Sílvio Romero, de Labieno (Lafayette Rodriguez Pereira.)

PÁGINA 237:

O Romantismo no Brasil, de Sílvio Romero.

O povo brasileiro como grupo etnográfico, de Sílvio Romero.

Sistema filosófico, de Sílvio Romero.

PÁGINAS 238, 239, 240 e 241:

Os Países Inexistentes, de Mucio Leão.

Os países inexistentes.

Nebílio.

Nos Jardins que estão fora de tempo.

Poemas.
A Musa e a Criação.
O escrivão da Musa.
Tua dor.
O Querubim.
Mãos.
Salmo.

As estrelas paradas.
Sentimento misterioso.
A Musa.
Borboleta.

O Corpo e a Alma.
As mãos desligadas do corpo.

O Cego.
As três moças.
Partir.
A poesia que desce ao poeta.

Cortejo.
Arco-íris.
A Dançarina.
Cântico de Aleluia.

O hóspede.
A neve submerge o mundo.
Viagem à região de uma linda.

O poeta escreve dentro das pedras.

Advertência aos homens futuros.

PÁGINA 242:

A arte moderna no Brasil, de Raul de São Victor. — A arte de Orlando Teres.

PÁGINA 243:

Um naiado de Bilaç — Um depoimento interessante — Carta de Pedro Puchell a Mucio Leão.

Nota sobre a "Vitoria da Literatura Brasileira", de Sílvio Romero (3.ª edição). — Ouvindo a grande pianista Maria de Falco, de Laurindo de Brito.

Heredita em português: 18 traduções de Freitas Guimarães.

I — Corredor.
II — A vida dos Mortos.

III — Imitando Petrarca.
IV — Sobre o "Livro dos Amores", de P. Ronsard.

V — Epifanía.
VI — Fuga de Centauros.

VII — Sobre o Orlis.
VIII — Villulu.

IX — Esmalte.
X — O mural.
XI — O recife de coral.
XII — A jovem morta.

XIII — Sobre um mármore partido.
XIV — A Flauta.
XV — O banho das ninhas.
XVI — Pôr do Sol.

O TRABALHO DO POETA

Silvio Romero

A exposição de doutrinas fica muito bem nos livros de cleuza, e cada um de nós quando querer ler uma teoria positivista ou transformista, do universo sabe onde deve lhe basta. A poesia em tudo quanto a ciência ensina, tem apenas por missão despertar os sentimentos novos que as novas doutrinas venham inspirar. O trabalho do

poeta é como o das abelhas, cujo mel, viado de muitas flores, não se confunde com elas. Montaigne teve razão em dizer naquele seu trecho tantas vezes citado: "Les abeilles pilotent de la et de la les fleurs; mais elles en font après le miel qui est tout leur; ce n'est plus thym ni marjoulain". (Estudos de Literatura Contemporânea).

SILVIO ROMERO -

Clovis Beviláqua

Fizestes bem, meus jovens colegas. A escolha do vosso patrono foi felicíssima, Silvio Romero é um símbolo, E' o amor ao Brasil; e a fe no trabalho, a dedicação à ciência.

O mundo de idéias, que ele agitou, o que produziu, nos vários domínios da inteligência, e o que organizou, porque era dotado, ao mesmo tempo, da faculdade de analisar e da capacidade de construir, lhe deu também relevo na evolução mental brasileira, que ninguém se lhe pode avantajar em benevolência. E, em todas as formas da sua atividade espiritual, foi sempre, visivelmente, brasileiro.

A alma nacional ele a foi procurar nas camadas profundas do sentir do povo, mergulhando nas manifestações espontâneas do folclore, e nos deus os *Contos* e os *Cantos populares do Brasil*, seguidos dos Estudos sobre a poesia popular do Brasil, erudição e atrevimento que nos auxiliaram a ver, através de descritivas e narrativas ingênuas, a psicologia da sociedade. Quis sentir a alma nacional nos elementos primários da nossa formação cívica, e ai esteve, como resultado dessas pesquisas, a *Etnografia brasileira* e essa formidável *História da Literatura brasileira*, cuja introdução consiste na análise critica dos fatores da nossa produção literária, e cujo corpo e a exposição serena do sociólogo, a quem interessava, como documentação preciosa para as suas curiosidades, tanto a poesia como a ciência, o romance ou o drama, como a história, a economia política e a filosofia, como o direito. Por isso mesmo que para compreender as produções literárias do país, devem as raves de sua formação, melhor do que qualquer outro sentido e sobre revelar as crônicas individuais, e a evolução geral da mentalidade brasileira.

Silvio Romero nascido a 21 de abril de 1851, na cidade de Louzadá, em São Pe, formou-se em direito no Recife, em 1878, foi um dos proveres da segunda turma do movimento intelectual, a que ele, muito corretamente, deu o nome de *Escola do Recife*, a base criativa-motivadora; transferiu-se, em 1878, para o Rio de Janeiro, depois de um arioso, em processo de teste, com a Congregação da Faculdade de Direito daquela cidade, a propósito do óbito da matemática, quando já se imprimiu distorcendo, e não devolveu, pelos doadores, que lheim a sua razão, para considerar a vida. Foi dessa inquietude devida de teste que, pelo menos na vez no Recife, e, provavelmente, no Brasil, se lhe referiu a sua fama de autor da *Lata* para direito. Com certeza, anexa da dissertação de Silvio sobre o ponto que lhe coube por sorte no exame de doutoramento, ninguém nunca soube exatamente, na invasão do espírito carioca, se a intromissão,

No Recife treinou o grande sacerdote a sua orientação filosófica, ainda que, com o tempo, e o estudo, mudasse e consolidasse os seus fundamentos.

Ali, no Rio de Janeiro, alcançou, em memória de seu nome, a cadeira de filosofia do intelectual do Clube Pedro II, foi um dos fundadores da Faculdade Livre e Direito onde ilustrou as salas de Filosofia do Direito, e faz parte do grupo de intelectuais que estabeleceram a Academia Brasileira de Letras.

O processando pelas suas contactos com a mocidade intelectual, que lhe assumiram as doutrinas, ou por elas vira despretensas as suas aptidões.

Aprendendo-se, mais e mais adiante, ao estudo das generalizações do Direito, o seu espírito ful, muito naturalmente, levado a reatar o elo, que o prendia a escola do Recife, e embora residindo no Rio de Janeiro, passou a ter posto eminentemente na terceira fase da escola, e da transformação das doutrinas jurídicas, como natural consequência das novas idéias sobre o mundo, a sociedade e o homem. Espiritualmente, continuou a ser do Recife.

Por isso, a convivência com os seus pares na Academia Brasileira de Letras não teve força de o assimilar, nem lhe modificou o fetiche mental.

Assim é que, na recepção de Euclides da Cunha, devolvendo-lhe os moldes consagrados das alocuções acadêmicas, traçou um quadro do estado intelectual do país, que foi considerado ato de hostilidade aos próceres de nossas lettras no sul.

Essa escola do Recife, que Silvio tantas vezes proclamou, foi negada por muitos, como si ai não estivesse a documentação escrita da sua existência. Não importa.

Negou-se a existência do sublime sédo hegeliano, apesar da *Iliada* e da *Odisseia*; negou-se a existência de Cristo apesar do cristianismo, que o traz presente a conciência dos crentes, e lhe reflete a influência sobre a civilização moderna; negou-se a existência de Shakespeare, que continua a nos comover com as suas tragédias, inexcedíveis como interpretações da alma humana.

Deixemos falar os espíritos negativos.

A verdade é que o Recife teve a ventura de ser o teatro de um apreciável movimento literário, que, primeiramente, revolucionou a poesia com Castro Alves, Tobias Barreto, Victoriano Palhares, Guimarães Junior e outros; tomou, depois orientação crítico-filosófica, datar de 1868, com o mesmo Tobias, Silvio, Ceilo Magalhães, Souza Pinto, Genêro dos Santos, Inglês de Souza; e, por fim, sob a direção de Tobias, se transformou em renovação das idéias jurídicas.

Os que estavam no Recife, como Arthur Orlando, Clodóaldo Freitas, Martins Junior, Gumerindo Bessa, Urbano Santos, Viveiros de Castro, Fausto Cardoso, Souza Bandeira, João Alfredo de Freitas,

Phaülante da Câmara, Virgílio de Sá Pereira, Abreu Lobo, e muitos outros, secundavam a ação do mestre e foram propagando as suas idéias. Silvio Romero, que a esse tempo, já era aqui mestre consagrado em nossas lettras, associou-se ao movimento transformador, emprestando-lhe o seu prestígio.

Em esse quadro da escola do Recife, dentro do qual se destaca, luminosa e impressionante, a intelectualidade de Silvio, não se aponta, em sua realidade, o pensamento integral desse alto espírito, o valor de propulsão com que ele concorreu para o progresso mental da nossa gente.

Mas encaremos agora o pensador.

Por quatro faces principais se assimila, na história do pensamento brasileiro, a figura mísula de Silvio Romero, o sociólogo, o historiador literário, o jurista e o filósofo.

Foi a educação sociológica de Silvio que lhe imprimiu, nas obras, o cunho particular, que as distinguem de suas congêneres ou das contemporâneas. A princípio, seria uma inclinação do espírito, sugerida pela leitura de Taine, que o levava a olhar as produções literárias pelo prisma social, aquilatando-as segundo o grau de fidelidade, com que souberam exprimir, em forma estética, o sentir do povo. Mas as idéias se avolumaram com o estudo, ganharam vigor e amplitude, e o sociólogo, que transparecia das apreciações literárias, veio, por fim, a desprendêr-se dessa floração, que por vezes já lhe punha embarrancos a largura dos movimentos, e escolheu uma clareira adequada, onde devia lançar sólidos fundamentos da sua construção maior, o *Brasil Social*.

Esse trabalho, infelizmente não acabado, estava destinado a ser o termo natural da obra de Silvio Romero. Com o espírito alegreido pelo ensinamento sociológico de Comte, Burke, Spencer, de Greef, saturou-se da ciência social de Le Play, aperfeiçoada por Fourville, Demolins, Roussea, Polinard, da qual aceitou o processo, as idéias econômicas, sociais e políticas, mas não a orientação filosófica, nem a classificação dos fenômenos sociais, nem o ponto de vista religioso. Importa dizer: Silvio, com a sua mentalidade já formada, extraiu da escola de Le Play os instrumentos úteis, e não certa estreiteza de vias, que, prenchendo-se ao particular, não permite ver o geral, e, muito menos, a unidade do todo.

Depois de ter escrito algumas páginas fortes de observação sobre o viver do povo brasileiro, que se encontram em muitos dos seus últimos livros, especialmente no Brasil da primeira década do século XIX, nas *Provações e debates*, no *Alemânia no sul do Brasil*. Iniciou Silvio a publicação do *Brasil Social*. Não podia levar a cabo a sua empresa, porque a moléstia lhe desviou o curso do pensamento e, em seguida, a morte, ocorrida a 18 de Julho de 1814, lhe arrancou a pena infaligível da mão privilegiada. Deixou-nos, apenas, as bases gerais de um livro que seria expressão exata da psicologia do povo brasileiro, dentro da sua história e de seu meio cósmico.

Mas se não temos o *Brasil Social*, na sua forma definitiva, como a imaginaria o pensador, podemos extrair-o em parte dos seus livros, porque, em todos eles domina a orientação sociológica, e todos nos oferecem vistas seguras sobre a vida política e mental do povo. O *Brasil Social* pertence, como achega etnopsicológicas, a *Pátria Portuguesa*, admirável pela documentação tanto quanto pelo acerto das afirmações sociológicas. Por esse lado, já tínhamos um elemento preparado; outros nos oferecem os capítulos publicados sob a designação de *Brasil social* (1) e os fragmentos dispersos por vários livros, mas unificados pela intuição. Resta-lhe-las. E' tarefa que um discípulo realizará com relativa facilidade.

A *História da Literatura brasileira* é o que poderia chamar-se a *História natural* das nossas artes, porque nela se estudam as condições do nosso determinismo intelectual, resultado psico-social da combinação do português, do índio e do africano, sob a influência do meio físico e da imitação estrangeira. E porque Silvio por esse prisma olhou a formação da literatura nacional, porque viu em cada escritor um operário da grande obra espiritual da pátria, com verdade poude afirmar que escreveu um livro de amor. O sociólogo foi um nacionalista, que arredondou as arestas do critico, afim de que a simpatia lhe aumentasse o poder de compreensão. O amor dilata a inteligência, como o ódio a obscurece.

E como poderia, sem amor, sem afeição pelo país e sem estima pelos escritores, escrever esses dois alentados volumes da *História da Literatura brasileira*, que deviam ser seguidos de um terceiro, consagrado aos prosaadores do romantismo, do realismo e do tradicionalismo, aliás, já em grande parte preparado! Estudar um a um os autores, desde o século XVI ate 1870, integrando-os na evolução intelectual do país, assinando a cada um o seu posto, e o mérito da sua contribuição para o desenvolvimento cultural do país, é tarefa que não vai bem com a displicência e o desacato. Somente a amor pelo assunto pode manter a dedicação constante, o interesse persistente, a resistência às canseiras que exigem a extensão e as dificuldades dessa empresa.

E porque a simpatia é comunicativa, a do historiador literário se transmite ao leitor, que, feita a leitura do livro, sente que temos uma literatura de caráter próprio, e autóctone, que se impõem a nossa admiração.

Nos trabalhos jurídicos, de Silvio Romero, dominava, igualmente, o critério sociológico.

O *Ensino de Filosofia do Direito*, de poésias das idéias gerais sobre o universo, passa a literatura de, e, sendo a sociologia a ciência da humanidade, diferentes capítulos desse livro são consagrados à determinação do lugar da sociologia entre as ciências, ao seu método, as suas leis, a classificação dos fenômenos, que ela estuda.

Entendia Silvio que a inteligência humana produziria sete criações fundamentais e irredutíveis: religião, arte, ciência, política, moral, natureza e indústria. Não há fenômeno sociológico, produzido da cultura humana que se não enquadre em alguma dessas categorias. E', pois, como fenômeno sociológico distinto, que o Direito não se considera, é lido e estudo. E esse ponto de vista impõe ao Direito a sua felicidade original.

Bali agora o *Ensino de Filosofia do Direito*, e vi tal como se me apresentara em leituras anteriores. E' um livro encantador pela elevação do pensamento; sugestivo e estimulante, pelo grande número de idéias, que por ele revoam; e, apesar da complexidade da matéria, adaptado a cimentar facilmente do leitor, um sistema integral de filosofia do Direito, dentro da concepção geral do universo.

Voltando as vistas para a história do Direito no século XVI, é natural que o sociólogo busque o guia do historiador jurídico. E realmente a evolução do Direito nacional se apresenta a Silvio Romero como processo de crescimento diferente entre os institutos político-jurídicos de Portugal e os que o Brasil elaborou.

No século XVI, é bem de ver que esse processo de diferenciação mal se podia ensaiar; mas a perspicácia do escritor não podia ter escapado, certo, realmente, não escapou, a influência inadiável do meio sobre as construções jurídicas.

A mesma orientação sociológica ressalta no testemunho e brilhante relatório, que, na qualidade de orgão da Comissão especial da Câmara dos Deputados, incumbida do preparo do Código Civil, entrou, em 1902.

Em filosofia, Silvio Romero foi evidenciado com Spencer, depois de ter assimilado os principios gerais do positivismo.

O seu primeiro livro publicado foi a *Filosofia no Brasil*, onde se discutem as idéias de Edmundo França, Domingos Magalhães, Patrício Muniz, Serrano de Souza, Pedro Américo, Pereira Barreto, Visconde do Rio Grande, Guérêa Cabral e Teófilo Barreto. O livro é de 1878. Ju então Silvio se impôs do positivismo, que, em Pernambuco, já havia sido exposto e discutido, desde 1868, quando Teófilo Barreto escrevia a respeito da *Regra do direito*.

A evolução do seu espírito prosseguiu, a individualidade se acentuou, e os *Anais de sociologia e literatura*, a *Doutrina contra doutrina*, e referido *Ensino de Filosofia do Direito*, especialmente na edição de 1908, nos dão toda a concepção filosófica de Silvio Romero.

Nos *Ensaios de sociologia e literatura*, as dimensões evolutivas mais valiosas se encerram no capítulo intitulado "Hegelismo em sociologia", e no que trata da "Classificação dos fenômenos em sociologia". No livro "Doutrina contra doutrina", há discussões verdadeiramente magistrais, como exposição doutrinária, e discussões críticas de grande profundidade, opondo a concepção positivista de Augusto Comte, da qual já se descolou clava o pensamento humano em sua marcha para a verdade, à filosofia monístico-evolucionista, que ainda ilumina os mais altos surtos da ciência contemporânea, quando procura abranger, numa visão de conjunto, a universalidade dos fenômenos. O que há, neste livro, de crítica pessoal, de reticências despectivas a políticos e homens de ciência, e leitor atual, facilmente, afasta, para somente apreciar a construção científica opulenta e sólida.

A análise da classificação das ciências e da lei dos três Estados condensa e reforça o que a respeita disse a crítica dos competentes. Nada se fez de melhor em parte alguma.

Se as quatro faces, pelas quais acaba de considerar o espírito de Silvio Romero, merecem preferências pelo valor intrínseco das produções realizadas, e pela influência que essas produções exerceram na marcha evolutional do pensamento brasileiro, não apanham toda a figura do grande polímata. Ha que dizer ainda do poeta e do orador.

O poeta publicou os *Centos do fim do século* e os *Últimos hárpeus*. Nessas coleções, o pensador fala em verso, o poeta faz-se órgão do pensamento, e os dois apresentam um conjunto inconfundível de temas originais, que se desdobram em ritmos.

Viste o intelectual. E' natural que agora se nos mostre o homem. E eu peço permissão para recordar, neste momento, o que escrevi uma vez. Quem conheceu Silvio Romero somente através dos seus livros, não faz ideia justa daque que foi o homem, no recesso do lar, no trato íntimo com os amigos, nas relações da vida ordinária. Alegre, simples, desadorando os pequenos supícios da etiqueta, poesia, logo as primeiras frases, o seu interlocutor a vontade. Tanto quanto é possível, alheio ao pedantismo, muito comum, segundo afirmam, entre os literatos, falava com a máxima naturalidade sobre qualquer assunto, e gostava de disseretar sobre os costumes, a poesia e as folganças populares, não conhecida em seus pormenores. Desprezando as sutilezas do convencionismo, surpreendia, às vezes, pela candura de certos movimentos animicos; tinha o riso franco é a frase chistosa, quando relata passagens cômicas; e, muitas vezes, a gargalhada

BIBLIOGRAFIA DE SILVIO ROMERO

publicado os elementos
da sua obra, — A
S. Romero, autor
que rapidamente de-
viniuando as li-
ções de seu hu-
manismo, em de Ar-
te, — 1930.

o fato do avião —
p. 218 págs. Tipogra-
fia — Rio — 1930.

literatura brasileira e a cri-
tique moderna ensino de gen-
eral — p. 267 págs. In: Indi-
cação Maria Dias —
1930.

interpretatio filosófica
sociedade das fases históri-
cas da cultura do Pe-
dro — Rio — 1930.

Judici a História da Li-
téra Brasileira — 251 págs.
National — 1932.

Naturalismo em Literatura
— 1932 — com
o de e gênero de Teófilo
— 2 vols.

Obras Populares do Brasil.
— 2 vols. — Nova Livra-
ria Imprensa — Lisboa —
versão mediterrânea — Livraria
— Rio — 1933.

o de Crédito Parlamentar
— 37 págs. — Moreira Ma-
cêdo & Cia — Rio — 1933.

o de Har e o Verbo
— 1933.

o de Manelhaes — Sa-
o Paulo — 1933.

o de Literatura Contem-
porânea — Páginas de Crí-
ticas — 251 págs. — Rio. Ur-
bano & Cia — 1934.

o de Populares do Brasil —
uma edição preliminar e
imprimativa de Teófilo
— 25 págs. — Nova Li-
vria Imprensa — Lisboa

o de muito aumentada
versão Alves — Rio —
1934.

o de Expertiza. Os Contos Po-
pulares do Brasil e o sr. Teó-
filo Braga — Protocolo — 1934 —
Tip. na Escola de
com. José Alves — Rio —
1934.

estudos sobre a Poesia Po-
pular do Brasil (1879-1880) —
25 págs. — Tip. Laceratti
— Rio — 1934.

Geografia Brasileira — Es-
tudos sobre Costa de
Cáceres, Barroso, Rodrigues,
Silva Braga e Lúcio Neto
— 1934 — Alves & Cia. —
1934.

o de Literatura Brasileira —
Dois volumes com 1.436
e um número seguidos —
Garnier — Rio 1934.

o de em dois volumes
— H. Garnier — 1932.

o de literatura e o ensino secun-
dário — 25 págs. — Rio —
1934.

As três formas principais da
literatura republicana — 26
págs. — Tip. de "O Republi-
cano" — Larangeiras — 1934.

Livro Civico — A história do
Brasil escripta pela literatura
— 1934. Com um pre-
lo e um vocabulário por
Silviano — 125 págs.
— 1934.

o de informa que esse li-
vro deve mais quatro edições
antes de 1937.

Exercícios da História da Li-
téra —

teratura Brasileira relativos à
introdução e ao futuro da raça
portuguesa no Brasil — Rio —
1934.

laze Mauat — Estudo — 57
págs. — Tip. Leuzinger &
Companhia — Rio — 1934.

o de Partido e Presiden-
cialismo na República — Car-
to — 1934 — com 192 págs.
— 1934.

o de Doutrina contra Doutrina. O
Positivismo e o Positivismo
no Brasil — Rio — 1934.

o de — 1934 — 1935.

Préfatos da Epopeia do Di-
reito — 337 págs. — Coletiva de
romanc. Uva — 307 págs.
— 1935.

Tem segunda edição, inten-
tamente retocada — 117 pa-
gatas — Rio — 1938.

A verdade: visão o caso de Sere-
no. Com uma introdução por
Mortimiro Gómez — 97 págs.
— Coletiva Montalverne — Rio —
1935.

O Vampiro do Vaza Barro —
Intervenção do jornalista em res-
posta ao padre Olímpio Cam-
acho — Comentário ao opinião A verdade sobre o Caso de
Sereino — 37 págs. — Compa-
nhia Imprensa — Rio — 1935.

Machado de Assis — Estudo
Comparativo de Literatura Bra-
sileira — 347 págs. — Laceratti
— Rio — 1937.

Nova Estudos de Literatura
— 1938 — 306 páginas —
Laceratti — 1938.

marcos — Sergipe — Dois
volumes, com 172 páginas de
memoranda escrita — Tip. da
Universidade de Sergipe — Aracaju
— 1939-1940.

A Literatura — Memória po-
blicada no Livro do Centenário
— 1940 — 125 págs. — In-
stituição Nacional — Rio — 1940.

Martins Pena — Ensaios criti-
cos com um estudo de Artur
Orlando sobre Silviano Romero —
193 páginas — Lív. Laceratti —
Porto — 1940.

Passo recibo — Com prelo
de Augusto Franco — Rio. Bo-
livian — 1940. «É uma re-
fleção a Teófilo Braga.

O Duque de Caxias e a in-
tegridade do Brasil — Rio — 1940.

Discursos — 316 págs. — Bo-
livian Chardron — Porto — 1940.

Outros estudos de Literatura
antropológica — 230 págs.
Tip. de "A Editora" — Lisboa
— 1940.

Evolução da Literatura Bra-
sileira — 201 págs. — Recife —
1940.

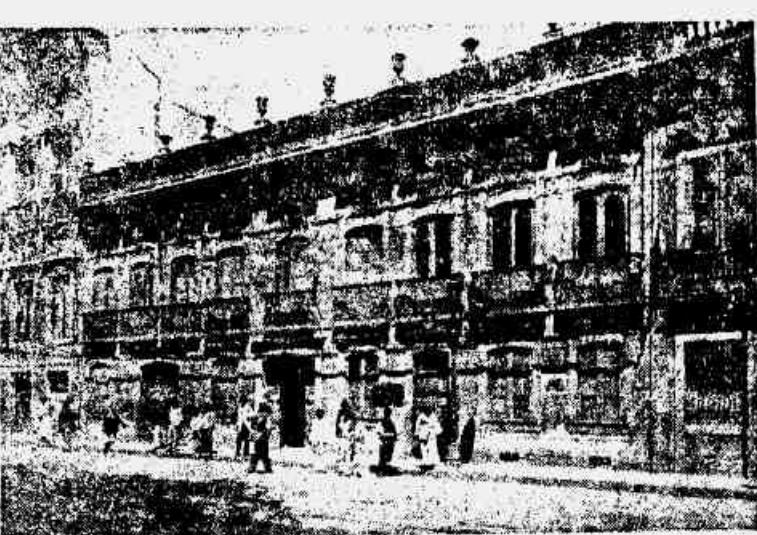
Evolução da Literatura Bra-
sileira — (Vista sintética) —
Com uma introdução ao autor
por Duncún de Abrantes —
15 págs. — Tip. de "A Campanha"
— 1940.

Compendio da História da Li-
téra Brasileira. Em colab-
oração com João R. — Rio —
1940 — VIII páginas. — Livra-
ria Alves — Rio — 1940.

Teve segunda edição, melho-
rada, em 1940. — LXVI — 356
págs. — mesma editora.

O almanismo no sul do Bra-
sil — Seus perigos e os meios
de combate-las — 72 págs.
— Rio. Editora Laceratti — Rio 1940.

Discurso recebido Fáclides



Edição do Pedagogism, a rua do Passo, Ali. Funcionária, em 1931 o Ateneu Fluminense,
Apud Carlos Suseck de Mendonça — "Silviano Romero".

da Cuba na Academia Bra-
sileira de Letras — 51 páginas —
Oficina do "Comércio do Por-
to" — Porto — 1907.

A Patria Portuguesa — Apre-
sentação a livro de Teófilo Braga
do mesmo título — 25 págs. —
Livraria Clássica Editora — Lis-
boa — 1907.

America Latina — Análise do
livro de igual título do Sr. Mu-
nizel Bonfim — 391 págs. —
Livraria Chardron — Porto 1907.

Zeróverbalizações ineptas da
critica — Regulões e desabafos —
183 págs. — Oficinas do
"Comércio do Porto" — Porto
— 1909.

Da critica e sua exata defi-
nição — Segunda edição in-
modificada — 34 págs. — Impren-
sa Nacional — Rio — 1909.

A primeira edição era a pa-
ublicação feita na "Revista Ameri-
cana", volume I.

Propostas e Debates (Con-
tribuições para a estuda da
literatura) — 1909.

Passe recibo — Com prelo
de Augusto Franco — Rio. Bo-
livian — 1909. «É uma re-
fleção a Teófilo Braga.

O Duque de Caxias e a in-
tegridade do Brasil — Rio — 1909.

Discursos — 316 págs. — Bo-
livian Chardron — Porto — 1909.

Quadro sintético da evolução
dos gêneros na Literatura Bra-
sileira — 89 páginas — Livraria
Chardron — Porto 1911.

Estudos sociais. O Brasil na
primeira dízima do século XX
formando um só volume com
os "Problemas Brasileiros" de
Artur Guinárrua — A Editora" —
Editor — 1911.

Teve segunda edição na mes-
ma editora em 1912.

A bancarrota do regime fe-
derativo no Brasil — 1912.

A Geografia da politização —
O Norte e o Sul do Brasil —
14.000 — 1912.

O Castilhão no Rio Grande
do Sul — 1912.

Muitas contradições — Com
um prefácio de Almeida Dráuzio —
264 págs. — Livraria Catilina —
Bata — 1914.

A União do Parana e Santa
Catarina — O Estado do Igua-
çu — Exerto de uma série de
artigos publicados em "A Espe-
ra" do Rio — Prólio de Artur
Guinárrua — 45 págs. —
Livraria Tipográfica Salesiana —
Niterói — 1912. (Distribuição
gratuita)

Teve segunda edição na mes-
ma editora em 1912.

o de parte da editora, Pedro
Quinto. Pouco mais

tarde saiu Machado de Assis

Tancredo Fernandes de Araújo

com outras talvez suas mesmas
contradições. O artigo deles

mais famoso é o de Machado

de Assis que fala da
política de governo

do Brasil e da sua

política exterior, que se

apresenta como

contradictória e de

interesses contraditórios,

entre os quais se

destaca a questão das

fronteiras do Brasil

com o Paraguai.

o de que se

apresenta como

contradictória e de

interesses contraditórios,

entre os quais se

destaca a questão das

fronteiras do Brasil

com o Paraguai.

o de que se

apresenta como

contradictória e de

interesses contraditórios,

entre os quais se

destaca a questão das

fronteiras do Brasil

com o Paraguai.

o de que se

apresenta como

contradictória e de

interesses contraditórios,

entre os quais se

destaca a questão das

fronteiras do Brasil

com o Paraguai.

o de que se

apresenta como

contradictória e de

interesses contraditórios,

entre os quais se

destaca a questão das

fronteiras do Brasil

com o Paraguai.

o de que se

apresenta como

contradictória e de

interesses contraditórios,

entre os quais se

destaca a questão das

fronteiras do Brasil

com o Paraguai.

o de que se

apresenta como

contradictória e de

interesses contraditórios,

entre os quais se

destaca a questão das

fronteiras do Brasil

com o Paraguai.

o de que se

apresenta como

contradictória e de

interesses contraditórios,

entre os quais se

destaca a questão das

fronteiras do Brasil

com o Paraguai.

o de que se

apresenta como

contradictória e de

interesses contraditórios,

entre os quais se

destaca a questão das

fronteiras do Brasil

com o Paraguai.

o de que se

apresenta como

contradictória e de

interesses contraditórios,

entre os quais se

destaca a questão das

fronteiras do Brasil

com o Paraguai.

o de que se

apresenta como

contradictória e de

interesses contraditórios,

entre os quais se

destaca a questão das

fronteiras do Brasil

com o Paraguai.

o de que se

apresenta como

contradictória e de

interesses contraditórios,

entre os quais se

destaca a questão das

fronteiras do Brasil

com o Paraguai.

o de que se

apresenta como

contradictória e de

interesses contraditórios,

entre os quais se

destaca a questão das

fronteiras do Brasil

com o Paraguai.

o de que se

apresenta como

contradictória e de

interesses contraditórios,

entre os quais se

destaca a questão das

fronteiras do Brasil

com o Paraguai.

o de que se

apresenta como

contradictória e de

interesses contraditórios,

entre os quais se

destaca a questão das

fronteiras do Brasil

com o Paraguai.

o de que se

apresenta como

contradictória e de

interesses contraditórios,

entre os quais se

destaca a questão das

fronteiras do Brasil

com o Paraguai.

o de que se

apresenta como

contradictória e de

interesses contraditórios,

entre os quais se

destaca a questão das

fronteiras do Brasil

com o Paraguai.

o de que se

apresenta como

contradictória e de

interesses contraditórios,

entre os quais se

destaca a questão das

fronteiras do Brasil

com o Paraguai.

o de que se

apresenta como

contradictória e de

interesses contraditórios,

entre os quais se

destaca a questão das

fronteiras do Brasil

com o Paraguai.

o de que se

apresenta como

contradictória e de

interesses contraditórios,

entre os quais se

destaca a questão das

fronteiras do Brasil

com o Paraguai.

o de que se

apresenta como

contradictória e de

interesses contraditórios,

entre os quais se

</div

Idéias e Opiniões de Sílvio Romero - João do Rio

Dez dias depois de mandar o bilhete, voltaria para a Campina, onde o mestre continuaria a sua obra, recebeu uma carta e telegrama que só pode resumir em duas frases: "É de triste voo ver o que fizeram".

Dez dias mais duas semanas e outra carta surge: "Tanto trabalho fez-me lamentável. Não posso responder nenhuma das suas".

Fiquei descorado. Entretanto, não esperei muito. Ainda não decorrera metade do tempo quando o response ao incansável esforço, recebi com a resposta este simples bilhete: "Não pode esperar, havia a causa. Si não servir raspa".

Aqui está esta extraordinária carta, cheia de mordade e de humor:

"Meu amigo. — O seu questionário pos-me em sérios embarracos. Logo que o recebi, supus ser causa facilíssima e dar-lhe brevidade respostas.

Quando me afundei em mim mesmo, para sondar como se me tinha oposto o que se poderia chamar a minha origem e formação espiritual, certezi que essa espécie de exame de consciência não era nada fácil.

Achei, em mim-même, meio veludo, num semi-espuscioso subjetivo, tantas antropologias, etnografias, linguísticas, sociologias, críticas religiosas, folclóricas, judeóis, políticas e literárias, que tive medo de buhar com elas e me meter nesse botaque...

Certezi, sem esforço e para traz mal, que, si não sou só pelo traço um sciencista, não me caso também a denominação de literato, no sentido restritivo que este qualificativo tem entre nós e parece ser a intenção por você abraçada, quando diz no auto de perguntas: De seus trabalhos quais as críticas ou capitulos, quais os contos, quais as poesias?

Existe, é certo, algumas poesias, entre os dezessete e vinte e cinco anos, que andam ai em dois volumes. Mas foi só.

Não tenho romances, contos, novelas, dramas, comedias, tragédias, folletins, crônicas, fanfatinas.

Não, nada disso. Comprende mais e de subito, que essas confissões de autores são cíca perdidas: se se diz pouco, parece simplicidade afeita e insincera; si se diz um tanto mais, parece fatuidade e poluidora.

Quiz falar a resposta; mas estava pronta pela pressença.

Palavra de tabaco não torna aítras...

Al vai pois. Em mim o caso literário é compadecimento e ainda tão misturado com situações críticas filosóficas, científicas e ate religiosas, que nunca o pote deixar. Nem mesmo agora para lhe responder.

Não vive nemhuns preceções dísticas, científicas ou outras quaisquer.

Quando escrevi a primeira poesia e o primeiro artigo de crítica, tinha dezoito anos e meia bem passados e já andava matriculado na faculdade do Recife.

Pura lhe dizer tudo, devo partir do princípio.

Farei com escrúpulo minhas e indispensáveis.

Nossas assunções ou tudo ou nada. Não se assume, certa breve.

Como caráter e temperamento, sei haver o que era aos cinco anos de idade.

Não se admira; é que nou se assim posso dizer, uma vila, mas duas primeiras, mais famosas e mais terríveis epidemias que devastaram o Brasil no século XIX.

Em 1851, ano em que nasci, foi nossa terra invadida por

uma violenta epidemia de febre amarela, que se estendeu por várias províncias.

A vila sentiu em que nasci em Sergipe, e Lagarto, não teve imuno.

Minha mal teve a febre supe-se que lá era a hoje nossa pátria mal conhecida — a posto no chão, agonizava minha irmã Lydia, a primeira deste nome.

Minha mal, chorosa, sentada perto da docinharia, punha-lhe botijas de água quente, fervendo nos pés. Meu pai, ainda muito vigoroso, e um senhor que eu não conhecia (era médico) preparavam numa mesa ao lado da sala, um empastado de não sei que substâncias.

A menina, muito formosa, nos seus quatro anos, muito esperta, muito inteligente, muito pegada com minha mal, se tinha, então, vida nos seus enormes olhos negros.

Que estranho olhar!

Alimentou-me tristemente a entrada na casa de meus pais — e tem-me brilhado através da existência por cinquenta anos seguidos sem se apagar.

A volta à casa era assim feita em meio da tristeza.

A pele continuou a lavrar com intensidade. Lydia morreu; minha mal, atacada depois, teve a partir também.

Muitos escravos de estima fazeceram. Eu nada tive, mas acendei-me na alma uma intensa saudade do engenho, que me torturou por anos intertos.

Quando, aos domingos, meus avós vinham a missa na vila, a minha alegria era sem par. Os encontros com Antonia eram festeiros com lágrimas de contentamento.

Mas as separações, quando tinha de regressar ao engenho! Brum e inferno.

Em círculo fero, ate aos cinco anos, era, no princípio, como estremo os meus irmãos mais velhos, que me faziam trocas e me maltratavam muitas vezes, com essa malignidade própria dos meninos. Daí, um estado de alma que se me produziu e ainda hoje perdura, digo-a a puridade, quer me acredite quer não.

Habituou-me cedo a ser paciente, sofredor, ao mesmo tempo desconfiado, suspeito, tímido, e ainda por cima, resistente, belicoso.

Algumas dessas qualidades são boas, parece, outras inconvenientes.

Existem em mim, encerram os germens de minhas tendências de analista e critico. Aliadas as que tiveram origem no engenho Moreira, explicitam, em grande parte, toda a minha vida e toda a minha obra.

Eis aí porque disse, em princípio, que era vítima das duas maiores epidemias que assolaram o Brasil no século XIX.

Não seria, talvez, sem razão afirmar, por outro lado, a existência de certas predisposições hereditárias: a propensão analista e critica, como devida em grande porção, a meu pai André Ramos Romero, português de norte, muito inteligente e muito sábio; a bondousa para não dizer de mim — a bondade, a minha mal, Maria Vicençinha da Silveira Ramos Romero, cujo nome é uma herança de meu avô Luiz Antônio de Vasconcelos, outro português do norte, de quem até hoje só descobri um igual na bondade natural, inegotável, espontânea — no velho Barão de Taiphópus.

Peço-lhe que me perdoe a ter aqui incluído os nomes de meus pais e avós.

Ha dízia uma razão: é que meus desafetos, por me eu assimilar, a princípio, Sylva da Silveira Ramos, para abreviar o nome, e, depois, a Sylva Ro-

mero, por o encantar, ainda mais, declarou a terceira unidade sente tristeza e com vividez.

Lembra-me bem a chegada à casa paterna em meio da epidemia.

Numa vasta sala terra a sala de jantares junto a uma das paredes laterais, em colchão

foram dolorosíssimas por quase todo Brasil.

Minha mal teve a febre supe-

se que lá era a hoje nossa pátria mal conhecida — a posto no chão, agonizava minha irmã Lydia, a primeira

deste nome.

Minha mal, chorosa, sentada perto da docinharia, punha-lhe

botijas de água quente, fervendo nos pés. Meu pai, ainda

muito vigoroso, e um senhor que eu não conhecia (era médi-

camente) preparavam numa mesa

ao lado da sala, um empastado

de não sei que substâncias.

A menina, muito formosa, nos seus quatro anos, muito es-

perita, muito inteligente, muito

pegada com minha mal, se ti-

nha, então, vida nos seus enor-

mes olhos negros.

Que estranho olhar!

Alimentou-me tristemente a entra-

da casa de meus pais — e tem-me

brilhado através da existência

por cinquenta anos seguidos sem se apagar.

A volta à casa era assim feita

em meio da tristeza.

A pele continuou a lavrar com intensidade. Lydia morreu; minha mal, atacada depois, teve a partir também.

Muitos escravos de estima fazeceram. Eu nada tive, mas acendei-me na alma uma intensa saudade do engenho,

que me torturou por anos intertos.

Quando, aos domingos, meus avós vinham a missa na vila, a minha alegria era sem par.

Os encontros com Antonia eram festeiros com lágrimas de contentamento.

Mas as separações, quando tinha de regressar ao engenho! Brum e inferno.

Em círculo fero, ate aos cinco anos, era, no princípio, como estremo os meus irmãos mais velhos, que me faziam trocas e me maltratavam muitas vezes, com essa malignidade própria dos meninos. Daí, um estado de alma que se me produziu e ainda hoje perdura, digo-a a puridade, quer me acredite quer não.

Habituou-me cedo a ser paciente, sofredor, ao mesmo tempo desconfiado, suspeito, tímido, e ainda por cima, resistente, belicoso.

Algumas dessas qualidades são boas, parece, outras inconvenientes.

Existem em mim, encerram os germens de minhas tendências de analista e critico. Aliadas as que tiveram origem no engenho Moreira, explicitam, em grande parte, toda a minha vida e toda a minha obra.

Eis aí porque disse, em princípio, que era vítima das duas maiores epidemias que assolaram o Brasil no século XIX.

Não seria, talvez, sem razão afirmar, por outro lado, a existência de certas predisposições hereditárias: a propensão analista e critica, como devida em grande porção, a meu pai André Ramos Romero, português de norte, muito inteligente e muito sábio;

Padre Guitavo Gomes dos Santos, professor de latim, pelas muitas coisas que profusamente, com muito gosto e muito saber, comunicava em aula, não só das lettras antigas como das portuguezas e brasileiras.

Foi quem me despertou o prazer literário.

Joaquim Veríssimo de Silva, leitor de filosofia, pelas exposições da metafísica alemã, principalmente de Kant, de que se mostrava grande sabor.

Padre Patrício Moniz, mestre de retórica e poética pelas excursões que, em conversa, fazia também pelos domínios grecônicos, de cuja filosofia era muito admirador, combinando-a, já se vê, com a escolástica.

Estes dois fizeram-me divisar o longo dos sistemas filosóficos.

Francisco Primo de Souza Aguiar, a cuja cargo estavam as cadeiras de história e geografia, no antigo Ateneu Fluminense, onde eu estudava, por suas admiráveis lições em que salientava o papel e o valor

histórico das gentes germânicas, pelas muitas cenas da terra alemã que, com intenso prazer e num acento muito comunicativo, punha diante dos olhos de seus ouvintes.

Finalmente, o barão de Taiphópus, o ídolo da mocidade da época, verdadeiro tipo lendário que a todos enchia de respeito, admiração e amor.

Não foi meu leite; mas, por ser a bondade em pessoa, gente a horas de inúmeras palavras nos tempos dos exames em que o procurava.

A filosofia da história desse

sabio tinha uma raiz sinérgica

e poderosa, que me fez logo

impressão e me fez um

louco, desesperado, a

comunicação brilhante, pa-

termedada por todos os

meus amigos.

No Recife, onde apre-

ciado de tudo, e cada

dia de 1856, fui os

meus dias de

estudos de

filosofia

o dia

de

mais

frustre...

O terceiro dia

de

novembro

de

1856 — As Origens —

minha vida espiritual.

Conseguindo no mundo a

meio de filosofia, em

meu achar nas mesmas condi-

ções

que me dão

o meu

prazer

de

literatura

— de

leitura

— de

escritores

— de

poetas

— de

filósofos

— de

escritores

— de

poetas

— de

filósofos

— de

escritores

— de

poetas

— de

filósofos

— de

escritores

— de

poetas

— de

filósofos

— de

escritores

— de

poetas

— de

filósofos

— de

escritores

— de

poetas

— de

filósofos

— de

escritores

— de

poetas

— de

filósofos

— de

escritores

— de

poetas

— de

filósofos

— de

escritores

— de

poetas

— de

filósofos

— de

escritores

— de

poetas

— de

filósofos

— de

escritores

— de

poetas

— de

filósofos

— de

escritores

— de

poetas

— de

filósofos

— de

escritores

— de

poetas

— de

filósofos

— de

escritores

— de

poetas

— de

filósofos

— de

escritores

— de

poetas

— de

filósofos

— de

escritores

— de

poetas

— de

filósofos

— de

escritores

— de

poetas

— de

filósofos

— de

escritores

— de

poetas

— de

filósofos

— de

escritores

— de

poetas

— de

filósofos

do momento de ago-a e
outo-decembro.

Aprendi nôm os pais e in-
screvi em no decidir antes
de falar.

Eu só vivia vives e na força
de vontade e vigor do talento
que nôm dos melhores
que o Brasil tem produzi-
do. Fiz-me ainda verdadeira
felicidade de ser o último a
ser seguro manifestar
o meu patriotismo.

A quarta pergunta respondendo
me fazendo a função literaria
intelectual de nossas antigas
literaturas, não é a de cavar
literatura a parte, como, com
uma arroba, se alvitra no Rio
de Janeiro, depois que o sambô.

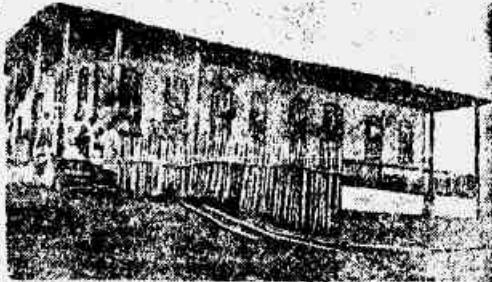
Franklin Tavora falou em
literatura do Norte.

Ele foi no sentido incriminado
com pensamento, com o char-
e a atençao para as tradi-
ções e costumes, as cenas nor-
teiras e com o aludir aos bons
costumes daquela zona.

A cultura é encusada, ainda que
principalmente de pro-
prietários acarriados.

A turma das províncias, pre-
sentes chamam assim, do nor-
te, centro e oeste, é a de
produzirem a variedade na uni-
dade e fornecerem à capital os
mehores talentos.

Comprei isto desde os tem-
pos de Silva Alvaranga, dos An-
dradas, Cairu, Odorico Mendes,
Miguel Barrosa, Joaquim Na-
varro, Coriolano Netto, Raymundo
da Cunha, Arthur e Aluizio Aze-
vedo, Murilo, José do Pa-
trício, Graça Aranha, Araripe
Lima, Affonso Celso, Ari-
lindo Ribeiro, José Verissimo.



Casa em que morreu Silvio Romero em Lagarto, Sergipe

DESACORDO COM TOBIAS - Silvio Romero

Filhos amados de Sergipe, não nos conhecemos ali. Sô em Pernambuco, em fevereiro de 1868, é que vi aquele patrício pela primeira vez. Cursei ele o quarto ano da Faculdade de Direito; eu ia do Rio de Janeiro, com os preparatórios feitos, para matricular-me nesse curso. Tobias foi, portanto, meu contemporâneo nos estudos acadêmicos. Nunca foi meu professor.

Quando o conheci, suas ocupações espirituais áureas eram a poesia e filosofia. Naquela tinha sido o inaugurador do litroso condutor a datar de 1862, e ainda era um eterno recitador de versos nos letrados, nas festas patrióticas e nos salões. Este príncipe acabou quase completamente em fins de 1870. Na filosofia, que sempre o preocupou de modo especial e característico, já se havia feito em 1867 o célebre concurso em que venceu o alaudado tomista pernambucano de José Sorianó de Souza. De 1868 datam as suas primeiras publicações nessa matéria. Cournot, Taine e Vacherot já lhe eram familiares. Em fins daquele ano travou conhecimento com o positivismo diretamente pelo "Cours de Philosophie Positive" de Comte. Stuart Mill e Littré vieram mais tarde e não foram nunca muito apreciados. Em tal assunto o meu amigo preferia diretamente o obra da escola. O velho espiritualismo francês já estava posto de lado. Ainda tentava não haver o confronto de Darwin, de Haeckel, de Hartmann, de Nels, do materialismo e do transformismo em geral. Tudo isto viria depois, a datar de 1871.

Nossas condições e que encontrámos o poeta. Eu levara do Rio de Janeiro-lhe estudos de preparatórios, feitos em 1863 a fins de 1867, o maior dos livros, a árvore de saber, abriu-me a literatura de etnografia, linguística, antropologia, crítica literária e filosofia. As meditações eram, pois, diferentes, as leituras diversas pela diversidade importa dos dois espíritos. Em nossas longas conversações comunicavam-nos mutuamente as nossas impressões, os nossos ideias, os nossos planos de trabalho. Por ser ele um tanto mais velho, mais adiantado no curso acadêmico, já imensamente popular em Pernambuco, e, sobretudo, por conviver-lhe o vigor e a força de inteligência, acostumámo-nos, eu que cheguei simples cultor, a ter-lhe afeição devidamente respeito. Mas nunca lhe surpreendi muitas ideias, nem lhe subordinei o meu sentir, nem apaguei jamais diante dele as diferenças naturais do meu temperamento.

Outra tanto praticámo-nos, havendo sempre em nossas reuniões espirituais plena liberdade e decisão francesa. Dando conta do meu livro publicado em 1878, "A Filosofia no Brasil", depois de alguns elogios iniciais, escrevia Tobias: "Tudo isto, porém, não significa, não quer significar que eu me limite a formar um 'dueto', que eu economei em todos os motivos, fazendo segundo vez o que ameaçou de Silvio Romero. Em mais de um ponto estavam concordados; e como, num ou tal comando de princípios, que entre nós existe, erulha o de maior liberdade de expressão pessoal, o da maior pureza sinceridade reciproca, indicou-nos gravemente as raízes do meu desacordo."

Comprei que faziam divergências entre nós as índias mentais, entre os fios juncando a sua obra e a mais rápida observação é suficiente para notar facilmente as diferenças de estilo, de assuntos, de métodos, de sentidos. E disse que, em poesia, Tobias não passava do literário condutor e eu combati desde 1863 esse jugo e encetei a nova intuição da poesia transfigurada pela filosofia de meus dias; que, em críticas literárias, ele fugia das essações brasileiras e do brasileirismo, e em os procurava sempre de professores; que em filosofia não admittia a psicologia e a sociologia como ciências e a eu lhes reconhecia esse estatuto; e assim que juntos pode admitir e explorar o desacordo de tratado Herbert Spencer. Não é tudo; há especialmente muitos usos em uso a meu modo de sentir e de pensar, que sempre completamente oposto ao seu: a poesia popular e a etnografia. Sabia-se que nôm das bases da minha crítica aplicada a literatura, a história e em geral à vida espiritual brasileira, foi a apreciação elevadíssima das raças que constituiram o nosso povo. Sabe-se mais que uma das primeiras aplicações desse modo de pensar foi justamente o estudo, a pesquisa da poesia, dos contos, das tradições populares, fo-for-loro, em si mesmas. Pois bem: Tobias Barreto não a verificou e tiveram in-termináveis discussões a respeito. Não conseguiu modificar as minhas conceções neste assunto, nem alterar o sistema de meus trabalhos. A despeito do seu desacordo, coligi os "Contos Populares do Brasil", os "Contos Populares do Brasil" e, escritos os "Estudos sobre a Poesia Popular Brasileira".

Outro ponto digno de nota de nosso constante desacordo era o da adoção da forma republicana em nosso país. Espírito muito liberal, intuito das cidades e miséria perpétua de política brasileira, Tobias, todavia, não foi jâmais um setário da república. Não concordava nôm com o meu amigo neste modo de pensar e, ainda muito moço, desde 1869, alistei-me entre os republicanos.

Poderia, si fosse preciso, levar por diente estes pontos de desacordo. Não o farei, porque os indicados provam de sobre de minha teze: a independência do meu modo de sentir e de pensar diante dos sentimentos e opiniões de Tobias Barreto em pontos e assuntos capitais. Isto mesmo foi mais de uma vez nos ambos proclamado para confusão de malvados e intriganos. O que nôm sofreu diminuído ou restrição de qualquer ordem foi a minha estimativa pelo seu talento e a minha estima por sua pessoa. E de bem as merecia, por quanto, de todos os homens que, na minha qualificação de crítico e propagandista, tiveram o mérito de vulgarizar, foi talvez, o único que me não pagou o serviço com traços que constituem a essência da alma dos mortos. (1)

(1) Silvio Romero, prólogo aos "Estudos de Direito", pgs. XIII a XX.



Silvio Romero em uma de suas últimas fotografias

CONTOS POPULARES -- Silvio Romero

A represa e o cegonha

A raposa entendeu que devia andar zunhando da cegonha. Uma vez a convidou para jantar em sua casa. A cegonha foi. A raposa fez papas para jantar e espalhou-as em cima de uma pedra, e a pedra cegonha nada podia comer, e ate magoou muito o seu grande bico. A cegonha procurou um ninho de vingar-se. Daí a tempo foi a casa da raposa e disse-lhe: "Comadre, você ouviu dia me obsequiou tanto, dando-me aquela jantar; agora é chegada a minha vez de pagar-lhe na mesma moeda. Venho convidá-la para ir jantar comigo. Vamos-nos embora, que o petisco está bom". A raposa aceitou o convite e fizeram-se amigas. Ora, a cegonha preparou papas, e botou-as dentro de um jarro de pescoco estreito. A cegonha metia o bico e quando tirava, vinha se regalando. A raposa nadou com ela, lambendo apenas algum pingão que caía fora do jarro.

Acabado o jantar, disse a cegonha: "Isto, comadre, é para você não querer fazer-se mal sabida do que os outros."

O cágado e o telú

(Sergipe)

Foi uma vez, havia uma onça que tinha uma filha; a teu queria casar com ela, e o cágado cágado também. O cágado, sabendo da pretensão do outro, disse em casa da onça que o teu para nada valia e que até era o seu cavalo. O teu, logo que soube disto, foi ter também à casa da comadre onça, e asseverou que la buscas o cágado para, ali, dar-lhe muita pancada à vista de todos, e partiu. O cágado, que estava na sua casa, quando o avistou de longe correu para dentro e amarrou um laço na cabeça, fingindo que estava doente. O teu chegou na porta e o convidou para darra um passeio em casa da amiga onça: o cágado deu muitas desculpas, dizendo que estava doente e não podia sair no pânaque dia. O teu teve muito mimo: "Enlou, disse o cágado, você me leve montado nas suas costas". — "Pois sim, respondeu o teu, mas não de ser tão longe da porta da amiga onça". — "Pois bem; mas você ha de deixar eu notar o meu enquinho de aí lá porque assim em oso é malo feio. O teu se massam, e disse: "Não, que eu não sou seu cavalo". — "Não é por que meu cavalo, mas é muito feio". Afinal o teu consentiu. Agora, disse o cágado, deixa bolar minha brida". Novo baralho do teu, e novos pedidos e desculpas do cágado, até que cegonha pôr a brida no teu e mudar-se do mangal, espuma etc. Partiram; quando chegaram em lugar não muito longe da casa da onça, o teu pediu ao cágado que dissesse: e, talvez, os arreios: se não, era muito feio para ele ser visto servindo de cavalo. O cágado respondeu que ele tivesse paciência e caminhasse mal um bocadinho, pois estava muito incomodado e não podia chegar a pé. Assim foi enganando o teu até à porta da casa da onça, onde ele meteu-lhe o mangal e as esporas a valer. Então gritou para dentro de casa: "Olá, eu não disse que a teu era meu cavalo? Venga cá!" Houve muita risada, e o cágado vitorioso disse à filha da onça: "Anda, moça: monte-se na minha garupa e vamos casar". Assim aconteceu com grande vergonha para o teu.

Romero Romero, por
Silvio Romero

... Capistrano de Abreu, Fausto
Cardoso, Mello Moraes, Teixeira
Meireles... e dezenas
mais passando por Gonçalves
Viana, Alencar, Porto Alegre, Mar-
celo e as mais vivas figuras do
sua platina.

Eustáquio lembrar os políticos
cujo número é legito

Pelo que se refere ao quinto e último questo, afirmo convi-
niente, posto nunca tivesse sido
em homem do oficio, que o ju-
risconsulto tem sido o animador,
o protetor, e, abuda mais, o
criador da literatura brasileira
na cerca de um século a esta
noite.

E no jornal que têm todos
exercendo os seus talentos note
que têm todos polido a Uni-
versidade, apreciado a arte da
palavra escrita; dele é que mu-
chos têm vivido ou vivem ainda;
por ele, o que mais vale, é que
toda se têm feito conhecer,
e que é tudo, poderia ser mais
se houvesse um acordo e junção
de forças; é por onde os ho-
mens de letras chegam a influ-
entes destinos deste degradado
país entregue, imbelé, quasi
sem a Faria de politiqueros
sem saber, sem talento, sem
bien, sem critério, e, raro,
sem moralidade...

E aqui faz ponto seu admí-
nistrador...

Não é preciso fazer o elogio
desta carta rebelta direcionada
a este que o ilustre chama de
esterno

(*) Momento anterior.



Sr.º Roberto, sua assunção de Jurado de Ofício



*D. Claroza Tomaniana de Almeida, Esq.-Côm., presidente expedito
de S. M. o Reino: 1265-1864.*

Sílvio Romero, Um Programa de Trabalho - Sílvio Romero
numa Síntese de Souza Bandeira

O sr. Silvio Romero apresenta-se-nos com o intuito de indicar a evolução que os estudos filosóficos têm seguido no país e com uma franqueza rude, descreve as primeiras palavras, nos desengana, dizendo anêncas, em forma de conselho, que da ideal escola de pouca que fomos feito e que, na hora atunci, devemos tomar novas forças em busca de um ar mui puro, afaz de um futuro melhor.

Estamos em presença de uma personalidade que não se dedica sobre os próprios recursos, nem sobre os existentes em que loca. Com uma sinceralidade, muitas vezes inaudita, o escritor brasileiro deixou entrever todo o seu caráter. Não espera que o interlocutor, apresen-se embaixo que esse é sua biografia. Não tem a sondeira natural dos escritores que só traçam a publico o resultado de seus estudos. Ao contrário, impõe-se como mestre, e, apesar de fracos e mal distinguidos, protege-nos bem que o nosso público não se tem em conta de sua vulgaridade. Não requer a consideração de ninguém, longe disso, afronta e desafia a seriedade dos mais competentes.

E é o professor quem diz, a seu respeito, lacrada da frase de um notável filósofo moderno, que poucos terão menos dispostos a usar de palavras: *Os seus estudos, é ainda ele quem fala, são oriundos de uma preparação preliminar em tanta riqueza.* A inspiração poética e uma de suas maiores preocupações porque não quer ensinar o público para quem escrever, e assim é que, educando nasças escolares contra os quais se resurge, ensinam-nos que a sua vida intelectual há sido uma constante e dolorosa luta para arredar da mente o que nela foi depositado pelo ensino secundário e superior e substituirão frágeis e comprometedoras noções por dados científicos.

O sr. Silviano Romero é poeta e bacharel em direito. E ainda de quem lembrá essa das circunstâncias para que se chama especialmente a atenção dos leitores, visto como aos olhos de alguns isso equivale a um sinal de incompetência.

Eram indisponíveis - dí-
cetas, informações pessoais pa-
ra o leitor entrar no conhecimen-
to da individualidade que
lhe apresentavam e tanto mais
indisponíveis quanto o escrito
for só sua opinião profissional
crítica, não é um outro expo-
tor de violências alheias. O res-
tante, que não esconde, é uma re-
memória literária entre nós.
Cumpre, porto, que eu - não po-
de ser só sussurrando os resultados
da risada científica do auto-
cor, estendo de mim entre nos
se tem escrito sobre literatura
mas também as bases da ren-
gueira literária, a proprie-
tade literária.

A QUESTÃO DE ESTILO

Silvio Romero

Na literatura — disse Schaefer — **ha lugar para todos**, **alevinos e para os ricos**. **E é todo mesmo.** **Não existe um** **litterato determinado**, um mar-**peco-sabedore para nossas ja-**
nhadas, nem mesmo representante
para os nossos postos. **As qualidades**
principais do estúdio — percep-
ção, intuição, desenvolvimento, inven-
cimento, correção, suspeição e
propriedade — não são necessariamente
possuídas por todos os
grandes escritores. **Este tem de**
ganhar, aquirir e aperfeiçoar os
outros, e, sempre assim, o resul-
tado é a tenta de querer nesse
processo.

(Machado de Assis)

Ideas por outros autores para estudo comparativo, &c., &c., por outro lado, expõem as singularidades de muitos povos. O terceiro volume é dividido também em quatro partes: "Contos de viagem para o Brasil", 2.º e "Contos de

indiana typi": 3-4
de origem *striennu*": 4-5
"Contos de origem puramente
nacional":

Acontece, porém, que o
brilhante trabalho, que era
um patrimônio nacional
por um produto direto e
íntimo do nosso povo, e que
Europa constituiria uma
raia para seu futuro, por
desperdiçado para os mero
estudos de filosofia, arti-
gia e ciência dos mitos, re-
recluso em minha garagem,
que eu não sou um "fei-
to" disponho de alunos con-
victos e nem pude achar

Compelido-a-se, de prazo
não me dirige neste assunto
intencional de não prestar
uma grande lacuna em mi-
tadura científica, abro que
não concordo destas afir-
madas capital intelectual
pondendo em contribuições
“confidais” porque não co-

Poco-nos, sr. Redator — por de inserir no começo o tuado jornal a presente e com o fim de despertar a cida do público sobre a santeza eclesiástica de "cautos i tos do povo brasileiro" que nho em meu poder, e assim o interesse dos que viessem da nação que ainda alguma importância aos ntos de alcance eculptur e simiente aos mados românticos escola francesa ou

Acetai os protestos de sua
estima. Rio, 26-5-1878

Romero."
("O Reporter" de 27 de outubro de 1879).

SILVIO ROMERO,
NUM CONCEITO DE
MACHADO DE ASSIS

Falta-lhe, todavia, essa é a grande lacuna escritos do sr. Sávio Rio. Não me refiro as fórcas de namentação, à ginástica das lápides. Refiro-me à condição inúpensável e crível, indispensável à ciência — o estilo que num páginas de Renan e de Ciceron, e que Wallace admira uma das qualidades de Darwin. (Crítica)



Siamo Rovaniemi, città e sua gente da preferire.

Doutrinas de confusões: uma delas é a arte, outra coisa é a ciência, outra a moral, outra a religião. A arte não deve ser de seus dominios para se fazer a esculptaria, a crônica, a decoração científica ou da moral, mas de outros domínios dentro do pensamento que lhe seja estranho. O artista é poeta na sua tem-
perança as tristes de memória, ou dia e noite, ou da razão social. Ia ciência, em quaisquer de seus domínios, ele poderia ter apenas os conhecimentos e intuições gerais, toda aquela parte que se evapora, por assim dizer, dos estudos particulares, e vai constituir o que se pode chamar a atmosfera intelectual de um período histórico. O poeta como homem de seu tempo, há-de por força resumir no ambiente de sua época, haverá entrar na mente espiritual do período humano uma atmosfera e dali o i. — Isso que todos os grandes artistas revolucionaram sempre pelos seus resultados, que lhes foram novos. Mas esse interesse é indireto, nostálgico, apenas a empunhar o atero que na alma dos poetas figura, encantado pelo espetáculo da terra das idéias, representado e representando por outros... amigos e filhos — ideias e amigas de outras culturas que não se submetem aos sentidos, artífices e poetas. E à prova, a prova experimental e histórica, deve-se a essa que num período qualquer da evolução humana, a busca de des-
cobrir e formular idéias e doutrinas, cada strinse a um grupo bem diferente do outro, que leva por título notar a vibração dos sentimentos provocados justamente por aquelas sistemas e teorias. Em nosso país — os primeiros Urvilhas e os nomes de Herder, Humboldt, Comte, Darwin, Spencer, Hartmann, Friesen ou Carsten Ber-
nard; os outros se chamaram Byron, Lamartine, Hugo, Lenau, Manzoni ou Lessing de Lict." (1)

SILVIO ROMERO, POLEMISTA - (Trecho de estudo) - Araripe Junior

A hostilidade de Silvio Romero contra a metafísica é, talvez, a sua exigência de sua temperamental, que o impelia contra as construções especulativas. Cunho, porém, agradava ideias, abstrações, principios filosóficos, coisas da imaginação, dotadas de imortalidade seria perder tempo, o crítico brasileiro procurou primeiramente encarar-las em um homem ou num grupo de homens que fosse suscetível de intrair, de reagir, e que portanto pudesse tornar a luta interessante e pilorosa. Este processo é útil, ou invariavelmente por todo os temperamentos de combate. Entre nos mesmos dias exemplifico disso os periodistas Carlos de Lacerda e José do Patrocínio, os quais nunca obtiveram êxito fora da objurgatória generalizada e sem o auxílio da sátira ou do epigramma.

Na inexistência contra a metafísica, foi o Brasil a primeira vitória que o autor da "História da Literatura Brasileira" trouxe ao pujo. Que valor possia ter este para diante da mentalidade europeia? Desgraçado mérito, que esmoreceu a miragem dos grandes rios, na sua indôcil e tristeza, e deixava-se adormecer sob a capa dessas mansas palmeiras que Gênero das Dias celebrava em seus versos, encalhado nos anhos da jurema, o Brasil fulgurava um gigante, um portento, um nome, quando tudo estava a demonstrar que esse sonho não era mais do que uma prostração de deslumbramento e um sintoma de idiossincrasia. A verdade, porém, era que não conseguira ainda penetrar no cérebro dos diretores intelectuais desta terra o convicção de que não passavam de um povo atrasado, e para arrancármos a essa "in-aceitação" parecia-lhe que nenhum outro meio havia ainda o assorriar de crítica empunhado por mão improvada e empregado com ira e violência.

As vinhambas dos admiradores do "Grão-Caboço", os metafísicos, casta fama, raga perdida, bando de molhadores, que tinha saído de uma Cabrália intelectual para desbastarem o pecúlio dos ingênuos, rouhando a pátria e apinhulando no transio das grandes cunhadas a alma das ignorâncias de toda ciéncia. Silvio Romero foi inexorável com essa gente depravada, e, propinando-lhe a pora das truques, largou-lhe a raga truculenta de que se servia a causa positivista quando queria fulminar algum adversário.

E celebra a caga que o critico provocou quando pela primeira vez encontrou-se em "tête-a-tête" com a círcula oficial. Defendia-lhe tese para obter o visto de doutor em ciéncias jurídicas e sociais pertencente à congregação da Faculdade da Beira. Foi recusado de cortar-lhe as ares no não temeroso sr. Antonio Coelho Rodrigues, ex-senador federal e cujo uma das mais recentes e festejadas laiquaria corporação. A arguição tinha começado sobre os excessos das doutrinas filosóficas de Cousin e os Bentes de Châtelain em punho. Buxaram amordilhar e desmoronar com argumentos fariseados em B. Constant, Oudot, Taparelli, Troplong, Berrier, Ortolan e "tutti quanti". O arguido ouviu as primeiras objecções; não tardou, porém, em inflamar-se, e, estranhando que professores ilustrados se ocupassem ainda com as célebres distinções entre o direito e a moral, ergueu-se por ultimo escudado nas grandes autoridades do século e apostrofou os seus argentes classificando-os de ineptos e ignorantes. As apóstrofes responderam os Cujaclos do fórum com o sorriso catedrático de quem apinha o seu estudante em flagrante delito de ignorância da postura exata, correta e aceita pela unanimidade da comunidade da rotina. Não se imaginava que se levantou no espírito daquele que já usara criticar os melhores poetas e escritores do Brasil. No decorrer da discussão, que se travava mais acesa com o ilustre romanista critico citado, surgiu incidentalmente a frase: "a metafísica morreu". Não é aqui ocasião de estabelecer confronto entre os dois contendores. Todavia, direi que o dr. Coelho Rodrigues pertence à classe dos literatos cujo gosto primacial

consiste em sentir-se sempre em desacordo com o presente defendendo os usanças do passado. Em França o dr. Coelho Rodrigues, com um pouco mais de imaginação, seria um outro Barbey d'Aurevilly, e teria escrito, em vez do "Manual do auditivo fisi", uma biografia "à la diable" do régente Peijo, ou realizado conferências sobre as primícias de Amador Bueno e Anhanguera, ocupar-se com a apologia de pai Jodo e mãe Maria, ou bons pretos velhos "do tempo fadis". Tendo, porém, a sorte determinada que a sua atividade intelectual se exercitasse sobre as Pandoras e as Ordenações do Reino, depois de um longo trevoio na aula régia em que retalhavam os carnes das nadegas das crianças para introduzir com sangue as primeiras letras da arte latina do padre Pereira, sucedeu ao ilustre romanista o que sucede a todos aqueles que se habituam a gravar atrações das satisfações latinas. Para responder ao dr. Silvio Romero foi pedir a Horacio um dos seus disticos e aos reincônicos o grotesco filipino. (1)

— Declaram-me o desmoro, acrescentou ele então, que a metafísica morreu. Quem a matou?

Dai-se-a caso que fosse o senhor?

A pergunta pedia uma replica de espírito; e os leitores carregam o livro 5.º das Ordenações do Reino teriam fornecido mais de um moe para ser tranquilamente gibado pelo arquido. O polemista, porém, pôs a calma, e, levantando-se cheio de uma tri holofâmica, passou a inventuar nos termos mais acertinados toda a corporação docente. Não fôr ele quem assassinaria a teia caducosa, mas Comte, Durwin, Spener, Haeckel, Suárez Mili, Littré, Taine, Buckle e todo o exaldo-maior do positivismo, tanto ortodoxo como heterodoxo. Esta explosão de des-espírito universalista deu lugar à interrupção do ato e a um processo que se tornou celebre. Silvio Romero, contudo, não fôr ainda manter as proposições que anteriormente (1873) aparecera em dissertação apresentada na aula do 5.º ano dirigida à faculdade respondendo à seguinte tese: "Se a economia política tem todos os caracteres da ciéncia e a que ramo científico pertence?" "A Faculdade Livre de Direito do Recife, dizia êle nesse trabalho, tem o privilégio do estacionamento. Há cinquenta anos agita-se o mundo científico por fôra, e ainda ali se ouvem os ruídos de tantas pugnas. Há cinquenta anos a sua congregação togada vel restando, como religiosa herança, o mesmo panhado de princípios verídicos nas mesmas ornaças "pragmaticas". Quem intentasse escrever a história de aquele instituto da ciéncia achar-se-ia de pronto, diante do jato anômalo de um corpo docente, que repele as mesmas noções, repõe as mesmas ideias, declama as mesmas descrepitades, e, ao todo, ordena as mesmas dissertações no vasto período de meio século! São estas últimas uma série limitada de teses caducos, que se não guardado santamente para o zelo dos estudantes e o tormento dos doutorandos. Sempre idênticas no fundo, são alteradas na forma, segundo as preconccepções estilísticas de seus autores" (2). Passando, pois, os seus mestres o diploma de incompetentes e tazando-os de "espíritos largamente impregnados do almejado sentimentalismo", Silvio Romero prescindiu do capelo de doutor e com o seu título de simples bacharel penetrou na vida real.

Durante essa fase de erupção nôa, porém, parece ter-se caracterizado melhor que os artigos que publicou em 1873 sobre o romantismo no Brasil e que formam hoje o texto do livro intitulado a "Literatura Brasileira e a Crítica Moderna" (1880). O espírito que transpirava desses artigos fôr tido como truculento e abstruso, tal era com efeito a ignorância dos leitores relativamente aos progressos realizados pela critica filosófica em diversos departamentos da literatura e das artes.

Dos nomes avultam, entâo, na literatura nacional, um já quase em declínio, outro, porém, no

apogeo da sua fôrça. Estes nomes eram os dos românticos: Inácio Manuel de Mamede e José de Alencar. Tamanha glória, em pleno desacordo com o estado das questões literárias que se agitavam na corte Europa, mal podia ser sofrida pelo gênio tritângulo do critico sergipano. O "piquegismo" de Mamede e o "indianismo" de José de Alencar se lhe figuravam as maiores calamidades que podiam desabrir sobre este infeliz Brasil.

"Velharia romântica", "sofisticaria indigna", "degradação", "meniria", "magicaleria", "mais instintos", "decrepitude", — êla o que significavam não só estas duas manifestações beletrísticas do momento, mas também as suas correlativas nas ciéncias, na política e nas artes. E todas essas misérias se davam no tempo em que Humboldt escrevera o "Cosmos", Darwin a "Origem das espécies", Hawelk a "História da cruzada", Ranke, Mommsen, Sybel e outros uns obras históricas, Vichoux a "Filosofia" e Hartmann a "Filosofia do Inconsciente" (3). Não era motivo, portanto, para hesitações. Era preciso demoler aquelas monólitos literários ou relegá-los para os museus de antiquidades antropológicas. Mas como? Com o ridículo, armas de que Silvio Romero não dispunha para fazer obra igual à de Cervantes? O seu temperamento indicou-lhe o caminho. Atacou sem piedade.

A maioria do país detestava-as mas odia o autor de "Iracema". Aquelas illos seletivas ou semi-civilizadas, o absurdo daquela estôlo sedutor e traquero eram o coqueluche da mocidade. A maltra razzia. Razão de sobra para que o critico reduplicasse os seus ferocíssimos intuições de demolição.

— Recalcularem! Puis bem, agreeirei agora os deuses e os seus exercícios sagrados. Entre inimigos nunca se deve reconhecer qualidades de exceção. Tudo é ruim!

E, aí continuo, passando em rápida revista todos os monumentos da história literária brasileira, comecei a espalhar ao vento as folhas dos romances de "Belisario" (4) do autor da "Moreninha" e a espalhar a molesta do caboco do "Guarani" e a facilidade de induzir heroína do poema "Iracema".

Não se podem, exclama o critico, nem se devem fazer grandes demessas de considerações com vultos desse gênde. Seria o completo Sarencrota para prender um pensamento que não existe... Es quizeram pintar, quando pudesse, no drago da sociedade brasileira, quanto pudesse no segredo de espiões como o dr. Macrôn, — e dar a rádio primária e final de livros como o "Moco-loro" e as "Vitiminas-algozes". Una consideração, que é uma lei, vedado. E que aquelas espécies não são originais, nem não o é o presente período da existência nacional. O Brasil vai vivendo, uma vila de combingado sem cíclero de contradições nem alegrias, que lhe podem ser muito fatais... Os dois românticos são dois personagens sem significado vivo e profundo. Tendo de representar, no que parece, um papel quase todo negativo na história literária, qualquer que possa ter sido a sua importância no mundo oficial... O drama, quando é tecido por mãos similares é quase nulo. "Mae" e "Lisbela", por exemplo, eram abatidos de mediocres.

(Revista Brasileira)

(1) A um velho desembargador nôa disse que numa audição por ele frequentada entrou a tradição de um homem a que os mestres davam o nome de cascudo, em razão de sua pronta e sangüínea maneira de negociar os negócios. O professor que me trouxe na cotação tinha explicado com êste costume brasiliense, entretanto, na época de que se trata, nem todos os profissionais despojavam a prática do precedente. Isto é, eram sanguinos mas levariam.

(2) Silvio Romero, "Estudos de Literatura contemporânea" Rio de Janeiro, 1883, pts. 3.

(3) Silvio Romero, "A Literatura Brasileira e a Crítica Moderna" Rio de Janeiro, 1880, pág. 86.

(4) Ob. cit., pág. 132.

SILVIO ROMERO — Ronald de Carvalho

Ao lado de Tobias, e com obra mais sistematizada, aparece a figura de Silvio Romero, professor de direito, critico literário e de filosofia, poeta, jornalista e político. Silvio é um dos mais nobres exemplares da cultura europeia no Brasil. Formado sob a influência das idéias francesas e germânicas, seu espírito não perdeu, todavia, as características próprias da raça. Nem Scherer, com a sua teoria da observação tranquila e matemática, nem Taine, com o seu "apriorismo" instantâneo e paradigmático, nem Haeckel, com o seu determinismo geométrico, nem Spencer, com o seu evolucionismo impulsionado e fatal, conseguiram mudar-lhe a expressão interior das paixões inconscientes. Silvio era impetuoso, arrebatado e valente. Sua "História da Literatura Brasileira", rendeu um temperamento franco de polemista desenhurado, à maneira de um León Daudet, para quem as



Silvio Romero

idéias mais aprováveis, quando expressas por certos indianos que o seu capricho concordava, eram um tanto eminente, tal a intensidade das suas preferências. Contudo, seria injusto dizer que o seu



Maria Vassouras de Silveira Paiva Romero, mãe de Silvio Romero.

ritmo de ociosidade. Silvio não pensava é se refugiado sutilmente da civilização contemporânea, não lhe conhecia os venenos culturais, nem submergia dansos da civilização, se é que ocorria-se por necessidade. Não era nesse ponto, um homem de Renascimento. Silvio tinha, porém, o orgulho da sua energia criadora, a clara percepção das suas funções no mecanismo mental da jovem raça brasileira, que ele foi um dos primeiros a investigar e revelar, com grandeza e proficiência.

Ora se preocupa, antes de tudo, com poder, e, com o que é de maior interesse, com a sua possibilidade popular, com a sua eficácia "política" das duas faces, para convencer os povos solteiros e primitivos. Quem desafia, tão de imponentemente, a sonha em nosas almas inquietas e medrosas, dolentes e exaltadas, de misticos? Quem suscita, com tanta precisão, o latejar (Continua na pág. 236)

Correspondência de escritores

Uma carta de Silvio Romero a João Ribeiro

CORRESPONDÊNCIA DE ESCRITORES

**CARTA DE SILVIO ROMERO
A COUTO DE MAGALHÃES**

Bastissimo senhor dr. de
Mauá. Torno a l
de de dirigir-me a v
teipando-lhe que, arrazado
pretendo retificar-me para a
cste. V. r. e. de pronto, co
entendo que, deslante, eu
pava com v. r. e. um gran
lealdade e de gratitud
dade, por testemunhar-me
sim que a critica que fizera
ao de escrever e publicar
o seu libro a respeito das
aventuras do nosso país, em
um estudo caprichoso, e
muito sincero — qualida
de eu de tal fenda sanc
te penhorado a mancha de
da e honra por que pre
ou publicado responder-me
com v. r. e. não o fez, e
a presece da data, sem a
por causa de suas
ocupações, ou tentou a
participar-lhe que lô me
Resiste tornar na devida
decência a resposta. Se
muito coraradorei ter a no
de v. r. esclarecidos, por
de uma discussão resolu
pontos de cunho que
apareceriam declarar de tal
posterior e sobre a qual
dúvidas também. Terme
ditado que haria de entregar
para Fernandina a resul
ta, e que seria um grande
a que ficar-lhe-ri graato
o estou pelo modo de
honroso por que trans
cip. Carlos Sueret de
dona — Silvia Bomber

O NOME DE SILA ROMERO

LAPIENO LAFAYETTE
DRIGUES PEREIRA

K. sevado p. St. S. 1911
Quer. by Paulino A. P. 1911
Leyte, So. Philippines.

Nº século o sr. Silvio le
que de seu nos apre-
ende, «Silvio Ramos.
Este nome de Ramos
veio o de Juan Fernández
também outros que das s-
os ilhas uns anos de ve-
lho. Era preciso passar
formando em outro que,
puma vez de estranho,
a atrofia e conciliação
aparecendo de distinção
grande. Men Barbaço
Barro celebre exímia da
XV. no comparado dali
mundo sóbrio como aquele
um infantil, transformando
Matur Galina. Amanha
tanto et cetera com a pri-
meira de latim e fisionomia
O cavaleiro. Mancha
teve de sair mundo
afrente os perigos da pa-
ra da esquerda com a
sentimento do que vimos
mas de D. Quijada pa-
rimentar D. Quijote. O Sr.
Vicente Romero seguiu a pro-
tem em seu favor a guia
de sua bisavó, a qual
Silvio Ramos se leu SIL-
VIO...

-Linn. S. Just R. B. 1901

A inscrição tem em V. B.
scima em destaque o nome pro-
vimento de Sempre e encerra-
do a inscrição de rizobacterias
as seguintes que são intere-
ssantes nos termos da C. G. C.
Aqui é necessário quando a
vermos é que em não tem a
menor parte em V. B. nenhuma
espécie alguma acima e impre-
cionalmente eleita para fazer parte
de uma comissão que deve
prestar serviços sobre a nova
lei. Seja nos pés, nem de
possível pelo alardado provi-
der tal inscrição. Digo, finge-
mo-nos e veremos em V. B.
que as novas espécies res-
pectivas. Não quer isto dizer
que pretendo eu é entregar
o problema a sua impressão.
V. B. para mim é pessoa
separada. Foi por mim apre-
sentado no público nacional
pela "Revista Brasileira", em

1939, foi mais tarde, devidamente quando fui a concurse para a Escolinha Nacional, que fui para o Colégio Pedro II, por indicação de seu diretor, Dr. Pedro Moreira, filhos e rein-reletra. Pode enunciante, v. s. à meu respeito acusar a mais completa linearidade e fazer o que entender de v. s.

Silvia Romero

SILVIO ROMERO

(C. idem as in 6.3 pag. 235)

Se é essa a sua desculpa? Se a propriedade de L. J. te pede a rendição imediata da sua posse, que de tão evidentemente pertencente resiste?

ta, usá-la é só mal interpretada. Eu, por exemplo, Silvio interroga-me com suas leites e enigma que devo dizer, indicar o resultado das suas escrituras, se posso, excludendo seu pensamento, e, no que não concordo, proponho mudar a estrada que devemos trilhar para alcançar o nosso pleno desenvolvimento cultural e político; mas, honestamente, não tenho um exemplo de autoridade caribenha, de dominador, por todo o quanto não fosse digno da literatura.



*A minha querida Adelina
de Oliveira de Siqueira
Bomfim*

O ROMANTISMO NO BRASIL - SÍLVIO ROMERO

primeira irrupção do romance no Brasil e costume, foi o presente feito por Domingos de Magalhães suspirou poesia e saudade, em 1816, justamente no ano em que o homem individualizava os excessos ultra-românticos, provavelmente a desse bonito historiador.

Se recuar dez anos para suas minas na primeiríssima literatura brasileira... Partamos, entretanto, de Magalhães e do seu

mais momento da cultura brasileira foi aberto influência de Lamartine, sua religiosa, magistral, de Magalhães, o chão, o profundo, o eterno.

Alegre, Teixeira e Souza, Silva, José Corrêa, os continuadores,

a fase seguindo muito a podia dizer quase exatamente o momento romântico, de americanizado por Chateaubriand e Cooper.

Na Década de 1840, o prenúncio excedeu da gênese

e curioso fenômeno individualizou-se satélites de poeta-marinheiros, tomas mais velhos, que chegará a fase proximamente. Fazendo-o durante tempo, deixando

com ser o romance velho em idade e riqueza leticia, antigo poeta consagrado, nunca havia tentado parte nova em nossas literas. Nos meados vinte anos de século, quando descreveram-se os canções, ele trouxe a sua grande obra romântica que faz prender o leitor em sua continuidade.

Em decorrer desse desenrolar de poetas latentes, quase todos os meados desse séc. e entre outros, deu à lâmina os nomes de Teófilo Duarte, Joaquim Cereja, Alberto de Oliveira, Olavo Bilac e vários outros, com os quais se houve de ocupar oportunamente.

Tais as principais fases do romantismo brasileiro na poesia. No teatro, e no teatro a evocação não se faz tão normalmente, tão logoimente.

O romance e o teatro não tiveram esse uma espécie de desenvolvimento episódico e estendido.

O romântico teve uma fase embriônica, sua vida, Teixeira e Souza; assumiu as propriedades de estudo social em Joaquim Manuel de Macedo, multiplicou-se, para atender a todas as caminhadas da nossa população, em José de Alencar, desenrolando-se as populações empregadas em Franklin Tavares, temas leprosos psicológicos em Machado de Assis, e amazônidas em Aluísio Azevedo. Tudo isso dentro desse trimônio, em suas respectivas épocas, Manuel de Almeida, Eça, Henrique Taunay, Bernardo Guimarães, Carnaval Villega, Araripe Júnior, Ceise de Magalhães, Inglês de Souza, Rui Pompéu e outros.

O teatro mostrou um desenvolvimento ainda inferior ao do romance.

Pernambuco, Alagoas e Bahia iniciaram a comédia e bufeirismos e drama carioca. Não lembram agora os primeiros distinutos de Magalhães, Norberto Silva, Fábio Alegre e Ernesto França, porque não tiveram grande influência.

Os episódios de teatro foram Quintino Eça, Castro Leites, Pinheiro Guimarães, Socorro Nogueira, Adelias Varejão, Francisca Júnior, Arthur Azevedo, sem falar em Machado de Assis e Franklin Tavares, mais ilustre no romance e no teatro.

Foi este o romantismo brasileiro.

Em seu tecelado circulo, de



SÍLVIO ROMERO

12 maio

nenhumas latentes debates que o seu legado europeu. Seu maior título, a meu ver, foi apresentar-nos em parte da iniciativa portuguesa, aproximar-nos de nos mesmos e do grande mundo.

Seu inicio havia sido no decorrer antecedente; mas seu maior impulso foi nos primeiros anos da década de seguida de Inglaterra, os dias difíceis da Regência, um dos apogeo: abriu-nos uma época de grandes esperanças.

Com a invenção do Império, a existência da corte e das sessões da Câmara dos Deputados, do Senado no Rio de Janeiro, os melhores talentos das províncias lutaram a cada dia para onde se deslocar o centro do pensamento brasileiro. O decénio de 1840 a 50 trouxe um dos de maior transcendência literária brasiliana no Brasil.

O trabalho das revistas de Largo, recomendadamente a "Revista da Ilha das Flores", a "Mimosa Brasileira" e a "Camarilhão", facilitou o recrutamento narrativo em românticos brasileiros. Foi o tempo em que Magalhães, Fábio Alegre, Veríssimo, Torre, Henrique Pena, Mamede, de Oliveira, Dina Nunes Ribeira, Antônio Borges, Norberto Silva, Mário Moreira, Pereira da Silva, Irmão Aragão, Abreu e Lima, Joaquim Caetano e vinte outros conterrâneos que se possam considerar como os primeiros românticos do Brasil.

Em decorrer desse desenrolar de poetas latentes, quase todos os meados desse séc. e entre outros, deu à lâmina os nomes de Teófilo Duarte, Joaquim Cereja, Alberto de Oliveira, Olavo Bilac e vários outros, com os quais se houve de ocupar oportunamente.

Tais as principais fases do romantismo brasileiro na poesia. No teatro, e no teatro a evocação não se faz tão normalmente, tão logoimemente.

O romance e o teatro não tiveram esse uma espécie de desenvolvimento episódico e estendido.

O decénio anterior (1830-40) foi os primeiros ensaios daquela pleide de escritores.

No decorrer desse período é o que se pode dizer de romance.

SÍLVIO ROMERO. História da Literatura brasileira, 2º ed., Rio, 1942. — Tomo II, pags. 8 a 13.

OUTROS ESTUDOS

LITERATURA CONTEMPORÂNEA

SÍLVIO ROMERO

12 maio

13 maio

14 maio

15 maio

16 maio

17 maio

18 maio

19 maio

20 maio

21 maio

22 maio

23 maio

24 maio

25 maio

26 maio

27 maio

28 maio

29 maio

30 maio

31 maio

1º junho

2º junho

3º junho

4º junho

5º junho

6º junho

7º junho

8º junho

9º junho

10º junho

11º junho

12º junho

13º junho

14º junho

15º junho

16º junho

17º junho

18º junho

19º junho

20º junho

21º junho

22º junho

23º junho

24º junho

25º junho

26º junho

27º junho

28º junho

29º junho

30º junho

31º junho

1º julho

2º julho

3º julho

4º julho

5º julho

6º julho

7º julho

8º julho

9º julho

10º julho

11º julho

12º julho

13º julho

14º julho

15º julho

16º julho

17º julho

18º julho

19º julho

20º julho

21º julho

22º julho

23º julho

24º julho

25º julho

26º julho

27º julho

28º julho

29º julho

30º julho

31º julho

1º agosto

2º agosto

3º agosto

4º agosto

5º agosto

6º agosto

7º agosto

8º agosto

9º agosto

10º agosto

11º agosto

12º agosto

13º agosto

14º agosto

15º agosto

16º agosto

17º agosto

18º agosto

19º agosto

20º agosto

21º agosto

22º agosto

23º agosto

24º agosto

25º agosto

26º agosto

27º agosto

28º agosto

29º agosto

30º agosto

31º agosto

1º setembro

2º setembro

3º setembro

4º setembro

5º setembro

6º setembro

7º setembro

8º setembro

9º setembro

10º setembro

11º setembro

12º setembro

13º setembro

14º setembro

15º setembro

16º setembro

17º setembro

18º setembro

19º setembro

20º setembro

21º setembro

22º setembro

23º setembro

24º setembro

25º setembro

26º setembro

27º setembro

28º setembro

29º setembro

30º setembro

31º setembro

1º outubro

2º outubro

3º outubro

4º outubro

5º outubro

6º outubro

7º outubro

8º outubro

9º outubro

10º outubro

11º outubro

12º outubro

13º outubro

14º outubro

15º outubro

16º outubro

17º outubro

18º outubro

19º outubro

20º outubro

21º outubro

22º outubro

23º outubro

24º outubro

25º outubro

26º outubro

27º outubro

28º outubro

29º outubro

30º outubro

31º outubro

1º novembro

2º novembro

3º novembro

4º novembro

5º novembro

6º novembro

7º novembro

8º novembro

9º novembro

10º novembro

11º novembro

12º novembro

13º novembro

14º novembro

15º novembro

16º novembro

17º novembro

18º novembro

19º novembro

20º novembro

21º novembro

22º novembro

23º novembro

24º novembro

25º novembro

26º novembro

27º novembro

28º novembro

29º novembro

30º novembro

31º novembro

1º dezembro

2º dezembro

3º dezembro

4º dezembro

5º dezembro

6º dezembro

7º dezembro

8º dezembro

9º dezembro

10º dezembro

11º dezembro

12º dezembro

13º dez

OS PAISES

OS PAISES INEXISTENTES

— Queres partir comigo para países muito distantes,
para países que dormem,
embalados por oceanos que ninguém [conhece]?

Oh! vamos juntos! Vamos partir para esses [meus mundos misteriosos!]

Levar-te-éi a planícies brancas, cobertas de [neve como as do Alasca]. Verás que há na altura um sol gelado, envolto na poeira nivea da neve. E verás que um vento longo — um vento [que uiva nos montes alvos — vem beijar teus cabelos cheirosos.

Levar-te-éi a montanhas encantadas, onde [habitam dragões de olhos de fogo.]

Verás que no céu as estrelas se desfazem, mandando raios dourados coroarem tua fronte [te serena.]

Levar-te-éi às ilhas paradisíacas, que estão dormindo no ritmo das ondas [mansas, lâs árvores chrias de sombras são frutas [de humanas ternuras e os pássaros que cantam têm uma voz límpida como violinos.]

Levar-te-éi a esses mundos estranhos, a esses mundos formosos que nunca ninguém viu.

E tu lá de repousar a cabeça no meu peito, deslumbrada pelos meus países inexistentes.

NEBLINA

Bem eu quisera poder atribuir-te uma forma [precisa, com essa forma perfeita, de que te revestes [em tua viagem entre os homens. Bem eu quisera poder descrever-te concretamente, como descreveria qualquer outra mulher, reduzindo a algumas palavras cada uma das tuas feições, cada um dos teus órgãos, cada um dos teus gestos.]

Mas o difícil para isso é que não te atribuo [nenhuma forma precisa.]

Vejo-te, antes, oscilante e difusa, num mundo de aspectos difusos e oscilantes.

És novelo de lá, pedaço de nuvem, onda susurrante do mar, trecho de água limpida de rio, é coisa imaterial, luz a se ampliar na hora inaugural do dia, fimbria cor de rosa da alvorada, a sortir além das montanhas e a doiar o mar.

Como, então, atribuir-te uma forma precisa?

Sei que tens o corpo deslumbrante, talhado [em linhas geométricas. Sei que o teu ventre, os teus seios, o teu flanco constituem claras lições vivas de harmonia e [de perfeição.]

Sei tudo isso, e sei outras coisas também, de [teu corpo, e sobretudo, de tua alma.]

— Sei, por exemplo, como é doce o balbício dos teus longos desejos, nas horas em que o sonho desfaz rosas impalpáveis sobre a tua volúpia inquieta.

Mas, ainda assim, conhecendo-te e amando-te, não te posso atribuir nenhuma forma precisa, oh! tu, que és imponderável como as distâncias sem remédio, remota e casta como a neblina que vela as estrelas e a noite.

NOS JARDINS QUE ESTÃO FORA DO TEMPO

Penetrai contigo nos jardins misteriosos, que estão além dos espaços e fora do tempo. Anjos invisíveis virão coroar-nos de descobertas felizes flores.

Estrelas que ainda não se formaram virão embalar nossa infinita peregrinação.

Nos jardins misteriosos, que estão além dos espaços e fora do tempo, iremos juntos compor a música secreta, de que não ouso falar-te agora.

POEMA

Creio sentir no teu silêncio, Noite, a inquietação do pensamento dos mortos, que se debruçam para as estrelas.

A MUSA E A CRIAÇÃO

Dos olhos da Musa é que vão nascer as novas paisagens mansas, cobertas de noites misteriosas.

Dos seios da Musa é que vão nascer as novas vias-lácteas, as novas constelações sem número.

Dos cabelos da Musa é que vão nascer as novas anêmonas, as novas gorgonas, as novas estrelas do mar.

Do ventre da Musa é que vão nascer as gerações ardentes dos profetas e dos poetas, dos sábios e dos filósofos, toda a raça maravilhosa dos que hão de redimir o mundo.

Das mãos da Musa é que vão sair todos os perdões generosos, todos os perdões redentores, que devem descer sobre a humanidade, para tornar a humanidade mais perfeita.

Dos pés frídis e incansáveis da Musa é que se vão fixar na terra as pegadas, que hão de indicar em todos os tempos os caminhos da Salvação.

Da alma e do coração da Musa é que há-de brotar a música divina.

A música que vai embalar os séculos, encher os espaços ilimitados, e repercutir, no infinito dos tempos, a glória sem igual da Musa, criada por Deus e irmã co-eterna de Deus.

O ESCABELO DA MUSA

Das águas primitivas reviva um sopro do Espírito Divino.

Do começo da vida repercuta o canto das Coisas que nascem.

Chegue da alma de todos os homens uma vibração de piedade.

Chegue do coração de todas as mulheres uma palpitação de desejo e de ternura.

Caiam fulgurações dos astros, subam tesouros dos recônditos corações da Terra, brotem prodígios das florestas e dos rios.

Para que eu possa construir, Musa, o escabejo em que hás-de poupar os pés.

TUA DOR

Tua Dor está contigo, vive contigo, ao lado [da tua vida.]

Amas, cantas, sorris, contemplas, maravilhado, as paisagens que mudam, as formas que se sucedem, os séres que se transformam, as coisas que se renovam.

Dominando esse mundo em que vives, esse mundo que assim se modifica sem cessar está a tua Dór, a tua sagrada, divina Dór — a tua Dór, que incessantemente carinha [ao seu lado,

ela, que forma a tua imutável essência, a mais pura, a mais verdadeira parte do teu angustiado e dramático ser.

O QUERUBE

A Maria de Lourdes Pires da Rocha

O Querube surgiu, e a sua forma era a de um grande clarim [minoso.]

E esse clarim era tal que cantava sozinho, tal que nunca ninguém logrou guardá-lo numa gola, como se fosse um pássaro. E todos os homens práticos inutilmente [esforçavam

por conseguir prender esse clarim fantástico, e armavam contra ele, de dia e de noite, em todas as horas em que ele cantava, armadilhas traçoeliras, e só podiam pensar nas somas fabulosas que lhes daria a venda do Querube.

Vieram, porém, os poetas, e começaram a ouvir, encantados, a voz do Querube. e uns diziam para os outros: "Irmãos, esse clarim é do céu. Vamos ouvir o prodigioso instrumento que canta [sozinho]"

INEXISTENTES -- *Mucio Leão*

(A Antônio Freire)

Querube cantava,
grande escândalo das gentes poderosas
[do mundo].
uma decisão dos governos estabeleceu
cada poeta que amasse o Querube,
poeta que se deliciasse ouvindo a sua voz
para a vida toda preso nas mais lóbres
[gas prisões do Estado].

os poetas não se atemorizaram com a
[decisão dos governos]
continuaram da mesma forma a ouvir em
[cantados]
nude voz do Querube,
sendo uma para os outros:
mãos, ouçam esse prodígio clarim.
[Ouvimos, Irmãos, essa voz que
[nos chega dos céus!]

desde então, nos séculos, a voz longa e
[profunda do Querube]
a cessou de cantar por sobre a terra
[triste],
lata todas as prisões estejam cheias dos
[poetas melancólicos],
vivem ouvindo o clamor deslumbrante
e instrumento maravilhoso.

MAOS

Estas mãos são as mãos carinhosas,
as mãos que dão vida e que protegem.
Estas mãos são as mãos muito leves
que afagam a cabeça das criancinhas.

Estas mãos são as mãos benfazejas,
que distribuem bálsamos e esmolas com os
[necessitados].

Estas mãos são as mãos ardentes e trêmulas,
que desfolham rosas, nas horas do amor,
sobre o ente querido.

Estas mãos são as mãos comovidas,
que folheiam com exaltação os livros dos
[poetas].

Estas mãos são as mãos religiosas,
no silêncio das igrejas,
erguem juntas para Deus.

Estas mãos são de um dia agitar-se com
[angústia],
espirando um consolo, um conforto, um
[víatico].

Estas mãos são de um dia mover-se, im-
[perceptivamente],
último gesto de adeus para as coisas e o
[mundo].

Estas mãos são de um dia jazer,
adormecidas e rígidas,
formando uma cruz coberta de flores,
sobre um peito também adormecido e rígido.

SALMO

Em ti, eu vejo a que não teve princípio nem
[terá fim].
Em ti, eu vejo a que anda esparsa na alma e
[no corpo] de todas as mulheres.

Em ti, eu vejo aquela que todos os homens
[desejam], quando desejam um beijo de mulher.

Vejo a que dá prazeres infinitos aos seus
[amantes].

Vejo Abisag de Sion, a que seduziu o rei
[David na sua triste velhice].

Vejo a filha do Farao, a que povoou de de-
[ses] e encantamentos a mocida-
de de Salomão.

Vejo Maria — o Amor que é consolação —
[a que sofreu mil vezes a morte,
contemplando os sofrimentos do
Salvador dos Homens].

Vejo Madalena — o Amor que é redenção —
[a que descedeu no olhar de
Jesus a sua alma ansiosa de
[ternum].

Em ti, eu vejo Helena, a que arrebatou o
[amor dos guerreiros, a que acusou
[deus] a guerra no mundo].

Em ti, eu vejo a sedução e o pecado. Vejo a
[infidelidade]. Vejo a mentira e a
verdade.

Em ti, eu vejo a morte e a vida, a destruição
[eterna] e a eterna renovação.

Ajoelho-me aos teus pés, e, contrito, rezote
[o meu hino de adoração].

AS ESTRELAS PARADAS

A RIBEIRO COUTO

Durante milénios, fiquei retido na caverna,
fiquei solitário, sofrendo a saudade ardente
[da forma e da ideia],
a saudade ardente da luz, e sobretudo do di-
fino movimento dos astros,
em cuja contemplação vivera noites infinitas.

Fiquei retido na caverna, sofrendo a saudade
de todas as antigas revelações que um dia
[havia] deslumbrado os meus
olhos.

Baldadas foram todas as tentativas que fiz
[para libertar-me da caverna],
do peso e da solidão horrível da caverna.

Eu sofria lá dentro — eu, que havia sido
[espírito],
eu, que havia amado a luz,
eu, que havia compreendido a divina harmo-
nia dos movimentos dos astros —
porque todos os esforços que empenhava
[para fugir da caverna] eram inúteis.

Um dia, porém, ao cabo de inauditos tra-
balhos,
consegui entreabrir uma negra na porta cer-
tada da caverna.

Entreabri-a, e precipitei-me, louco, para fora,
no deslumbramento de ver de novo
a palpitacão da luz nas amplitudes cobertas
[de astros].

Precipitei-me para o ar livre, para a terra
livre, para as coisas livres,
ansioso de contemplar, ainda uma vez, a
[marcha diária das estrelas livres].

Mas, oh! serrado círculo no espaço haviam pa-
[rado as estrelas].

SENTIMENTO MISTERIOSO

Sentimento misterioso,
que no silêncio noturno
vais levando a minha mão
e vais pondo no meu cérebro
ritmos vagos e estranhos,
— de onde é que vem, sentimento?

Que indefiníveis influxos
te estarão trazendo a mim?
Que almas vêm sofrer em ti?
De que remota esfera
descem, molhado de pranto,
santificado de dor?

A MUSICA

Ooh! Consegui explicar o inexplicável!
Libertar-me das ruídas palavrás
e ir buscar outra tradição mais sólida para os
sentimentos.

Sugir da materialidade da linguagem das
[Imagens]
e ir encontrar na radiação
— na doce música impalpável —
a expressão de todas as emoções e de todas
as idéias.

BORBOLETA

A verdade é que estou na terra trazido por
[motivos desconhecidos],
que só agiram no inconsciente.

A verdade é que nada sei das razões pro-
fundas ou frívolas
que me conduziram até aqui.

Por isso deixei que soprem os ventos de todos
os quadrantes
sobre aquela aza humilde e vaga de borboleta,
que ali vejo,
a agitar-se loucamente, debaixo da luz do sol.

O CORPO E A ALMA

Na cama em que estás deitado, com os bra-
ços abertos,
vejo o teu corpo,
e reparo que ele toma a forma de uma cruz.

O que não posso ver é a tua alma:
tua alma, onde estão polpidando os cravos
ardentes,
onde existe a esponja de vinagre e fér,
onde trazes, sangrenta, a coroa de espinhos.

AS MAOS DESLIGADAS DO CORPO

Eu queria ver as tuas mãos desligadas de
[teu corpo],
distantes do teu corpo,
a serviço unicamente do teu espírito.

Queria ver se reflexos de transcedentes
festivais
não viriam pousar sobre elas.

Queria ver se uma língua de fogo,
misteriosa e purificadora,
não desceria sobre elas.

OS PAISES

O CEGO

Sua ultima impressão, e a mais intensa, qual
[terá sido?
No momento em que sentiu que ia perder a
[divina luz dos olhos,
qual terá sido a imagem suprema que se fixou
[em seu espírito?

Terá sido a imagem das estrelas, fulgindo
[no límpido céu de Agosto?
Terá sido a imagem das ondas, rolando den-
[sas nas praias alvas?
Terá sido a imagem de sua mãe, sorrindo,
[terna, entre os bandôs brancos?
Terá sido a imagem da mulher amada, bri-
[lhando, desnuda, na alcova em
[flor?
Ou terá sido aquela imagem do homem so-
[ledor e moço,
do homem que olhava tristemente, coroado
[de espinhos, e com um raião de
folhosa entre as mãos?

AS TRES MOÇAS

Tres barcos iam fugindo
nas longas águas do mar.
Tres moças muito bonitas,
cada uma no seu barco,
iam viajando, viajando...
A primeira ia sorrindo,
a segunda ia cantando
e a terceira soluçando.

Tres grandes rastos de espuma
nas ondas iam ficando
dos barcos que iam fugindo.
A primeira dessas moças,
eu te digo, era a Esperança,
la sorria, um sorriso
meigo e lindo de encantar.
E ria por seu sorriso
as estrelas iam vinda
e iam deixando cair
luces ardentes no mar.

A segundo dessas moças,
também te digo quem era:
era a Saudade — a Saudade
que sabe tantas cantigas,
que tem embalos tão doces.
Ia cantando, e parece
que à sua voz encantada
as ondas do mar paravam,
para melhor a escutar.

Mas a terceira das três
— e eu não te direi quem era —
era a mais linda de todas.
Ia triste soluçando
e jogava sobre as ondas
vermelhas rosas cheirosas.
Rosas que em cima das ondas
ficavam tristes botando
e iam tomando a forma
de corações que sangrasssem,
corações que perfumavam
a imensidão do mar.

PARTIR

A Ademar Tavares

Sinto-me como se fosse um batel, atradô po-
[los mares sem fim.

Meu impeto é partir, vencer as altas ondas,
[partir.
Perder-me nas imensidades, fundir-me nas
[água azuis, diluir-me no teu seio
[ardente, Oceano!

Longe — pressinto — estão as ilhas, as
[douradas
ilhas soberbas de coqueirais,
que ternamente cantam sob as ventanias.
Estão os países carinhosos, onde moram as
[sereias.
Estão os rios de leito transparente,
as virgens terras noturnas onde vão dormir
[as estrelas.

Meu impeto é partir para essas ilhas es-
[tranhas.
E vencer mares, dominar procelas, conquis-
tar os distantes países perdidos.
Ah! quem pudera quebrar as âncoras inven-
[teivais,
as âncoras que laceram o fundo triste das
[ondas?

A POESIA QUE DESCE AO POETA

Poeta, ser estranho, ser enigmático entre os
[sóreais
Vejo-o, isolado das cores, das formas e das
[ídéias,
isolado, nessa crepuscular solidão que o
[acompanha.

E é então que vejo descer sobre ele
uma com sombra de celestiais eflúvios:
— a Poesia, a Poesia de inesperadas resso-
[âncias,
a grande Poesia, que é uma exalação indefi-
nível,
que é um som infinito, vindo de outras es-
[feras,
que é a comunicação miraculosa de outros
[séres e de outras regiões.

CORTEJO

São noivas, são amantes, são prostitutas, são
[santas?
Que fazem elas, enchendo os grandes cami-
[nhos,
povoando a noite com um grito e um suspiro,
e deixando na treva, como novas estrelas,
os ardentes sinais dos pobres pés martiri-
[zados?

ARCO-IRIS

No teu caminho brotaram cardos,
no teu caminho infinito e celeste, Yolanda!

Teus pés, que sulcavam a estrada,
feriram-se nos cardos, nos grandes cardos
[celestes, Yolanda!

Nos espinhos dos cardos teu sangue brilhou,
transformando-se em rosas vermelhas, Yo-
[landa!

Oh! turbilhões de contelações, estrelas pur-
[purinas,
sangue palpitante dos pés feridos de Yolanda!

A DANSARINA

A Cassiano Ricardo
1

O Universo começou a existir quando a Dan-
sarina dansou.

Seus véus, que flutuavam, roçaram nos ne-
bulosas,
e as nebulosas se condensaram em mundos.
O contacto leve dos seus pés impalpáveis é
[que foi distribuindo as contelações.
Foram suas mãos, palpitantes como asas de
[pássaros feridos,
que regularam a colocação e a ordem das
estrelas.

Foi ela quem ordenou: "— Formai-vos" às
[coisas da terra.
E logo as coisas da terra — minerais, vegetais
[e animais — se formaram.
Porque o Universo precisava existir,
para entrar o canto de glorificação à Dan-
sarina.

II

Oh! Tragam-se esses véus flutuantes,
que a Dansarina agita, quando danse,
ao ritmo de suas músicas estranhas.

Tragam-me esses ágeis sapatos de ouro,
que a mantêm suspensa nos ares,
na divina levitação dos seus bailados.

Tragam-me essas mãos leves e inquietas,
que palpitan no ar,
como duas asas de pássaros feridos.

Tragam-me esse perfume que se exala, eu
[bem sei do seu corpo,
do seu corpo, que é eternamente virgem,
apesar de todos os contactos.

Oh! Tragam-me a música, o ritmo e o
[embalo,
o impeto e a quietação,
a cõr, a amargura, o movimento e a forma.

Tragam-nos, para que o Universo inteiro
[possa ser
um unânime canto de glorificação à Dan-
sarina.

CANTICO DE ALELUIA

Os tempos volveram, na infiinta magia.
O poeta e a sua Musa se viram, de sú-
bito, transportados ao sortilégio de um velho
dia, de um dia religioso: do dia em que criare-
ça ainda, o poeta penetroua no templo, para
o divino mistério do seu batismo.

A' Musa, que, silenciosa, caminhava ao
seu lado, ia o poeta falando, fazendo-a com-
preender o enigma que se encerrava nas cor-
sas ressuscitadas.

E, ao caminhar para o templo, ia ele se
lembrando de que ali se havia batizado, de
que ali se haviam batizado todos os seus ir-
mãos, de que ali se haviam casado seus avôs
e seus pais.

Suave e tranquila, a Musa seguia ao lado
do poeta.

As portas do templo, entre os numero-

INEXISTENTES -- Mucio Leão

— e os deuses, que rezavam e pediam esmo-
— poeta e a Musa se ajoelharam, e ora-
— rão juntos, a mesma oração.

Inesperadamente, o poetaolveu os
olhos para a Musa. Mas os doces olhos lindos
que estavam molhados de ansiosa lá-
grima.

Então, os dois penetraram no templo,
[mistério dos mistérios! Mistério das
que jamais serão vistas!]

Outro realizava-se uma cerimônia es-
— misteriosa e maravilhosa.

Sereno e triste, na dor de sua paixão, o
Seu dor agonisava, sob o peso da cruz. Sa-
cerdotes inúmeros O cercavam, andando em
peito d'Ele, e entoando as palavras de um
santo composto pelos anjos.

O poeta e a Musa ajoelharam-se, timi-
dos ao lado de um relâmpago fulgurante, em
que se via o Evangelista Marcos, tendo ao lado
do seu leão simbólico.

De repente, os tempos humanos se pre-
cipitaram, as coisas todas cessaram de existir,
e o poeta religioso e a sua religiosa Musa se
viram arrebatados até ao sólio da eterna Luz,
da Luz inextinguível.

Na imensidão cheia de prodígios soava
o canto infinito:

— Aleluia! Aleluia! Aleluia!

O HOSPEDÉ

O viajante chegou, e com certeza pouco se
vai demorar.

Não se zanguem com ele, portanto,
não o maltratem,
não blasfemem contra ele.

Dê-lhe uma cédula de pão,
dê-lhe uma taça de vinho,
dê-lhe uma cama, em que ele possa repousar
[sar dos cansaços da longa viagem.

Não se inquietem, não se irritem com ele.

A sua permanência é rápida, tão rápida!

Amanhã, com os primeiros alvores do sol,
ele terá partido para sempre, oh! para sempre!

A NEVE SUBMERGE O MUNDO

Como tudo está triste! Como tudo está frio!
Dir-se-ia que lá fora estão caindo mortalhas
[de neve.
Dir-se-ia que estão caindo montanhas imen-
[sas de gelo,
montanhas que vão flutuando sobre as ondas
[inquietas destes sonhos.

Ao meu lado, eu te sinto. Estás trêmula e
[gelada. Estão geladas as tuas mãos.
[Os teus lábios estão gelados. Ge-
lados estão os teus seios. Gelados
estão os teus olhos — os teus
olhos onde as próprias lágrimas
são lágrimas de gelo.

Reposa, meu amor, entre esses sudários de
neve que nos cobrem.
e que incessantemente continuam a cair do
céu.
Não tardará muito, e esses montes de gelo
terão submerso tudo,
e a terra irá dormir no seu túmulo frígido.

VIAGEM À REGIAO DE UMA LENDA

Aqui estou, meu amor, ao teu lado,
Vencendo todas as dificuldades dos caminhos,
vim encontrar-me contigo; e contigo percor-
rer de novo
esta adorável região de uma lenda.

Bem sei que é noite, meu amor, e nem tu,
e nem esses doces anjos que te cercam,
poderão acompanhar o ancião peregrino
além de certos prodígios.

Contudo, meu amor, peço-te que meacom-
panhes nas indicações essenciais.
Bem sei que certos aspectos desta região de
uma lenda
muito se transformaram.

— Os milhares, por exemplo, os grandes mi-
lhais, que eram louros, debaixo
[do sol louro,
estes já não crescem mais.

Também o rio — o meigo rio da infância —
[está triste e está morto.
(Que importa, porém, esteja morto o rio —
[se outras infâncias nele bebem
agora
a intensa poesia, que mais tarde ilhes há de
[ser doçura e consolação?)

Sim: que importa, meu amor, tenha morrido
[o rio,
se os velhos caixeiros, todos abertos em frutos
[amarelos e frutos cônus de sangue,
[continuam a nos enviar seus flo-
ridos convites?

Agora, meu amor, tu foste repousar com os
[teus doces anjos.
Eu vou percorrer sozinho, — embora a chu-
va seja inclemente —
esta adorável região de uma lenda.

Aqui, eu bem sei, como nos remotos países
[das fadas,
há ogres, há gigantes, há monstros de estran-
[nhos feitos.

Já o que outrora chamávamos Basilisco — a
[ave sinistra de olhos de chama e
bico de ferro — veio ao meu encontro.
E o seu bico de ferro castigou-me a teme-
[ridade
de visitar os invioláveis domínios
desta adorável região de uma lenda.

(Não importa, também, o ataque do Ba-
silisco,
porque aqui estão, desafiando os meus olhos,
os velhos segredos que tanto me preocu-
param,
que me fizeram sofrer tanto...)

Oh! ali estão (e eu os encontro, enfim!) os
[antigos mastros dos navios des-
feitos,
dos misteriosos navios, que iam sempre par-
tir, sem me levar jamais!

E ali estão (e enfim eu os vejo, oh! como eu
[as posso claramente ver!)
as águas fecundas, as águas mansas, as águas
[eternas,

as águas que estão pedindo viagens parti-
das, perdições sem fim em terras
[também sem fim,
e tudo com a sacroesanta promessa de um
[maravilhoso regresso, um dia.

O POETA ESCREVE DEBAI- XO DAS PEDRAS

O poeta, solitário, escreve debaixo das pedras.
Suas trémulas mãos vão erguendo os mou-
[tanhas
que o céu impiedoso despenha sobre ele.

Mas, debaixo dessas pedras ardentes,
que caem e que o martirizam,
o coração ferido do poeta resplandece,
os lábios feridos do poeta cantam.

E as mãos feridas do poeta

— as mãos que escrevem na sombra, de-
baixo das pedras —
são duas estrelas sonoras,
que entoam um hino de amor e piedade
à glória de Deus.

ADVERTENCIA AOS HOMENS FUTUROS

Meus irmãos de outros dias futuros,
quando ouvidas, de noite,
quebrando a serenidade da treva silenciosa,
um rumor de passos que se aproximam,
não vos arrecheis:

— serei eu, que venho trazer-vos minhas
[derradeiras mensagens.

Então, terrei partido para decifrar todos os
[enigmas
e assenhorear-me de todas as revelações.
Meu ser, hoje esmagado pela incompreen-
[são e pela ignorância,
resplandecerá, tocado do divino conhecimen-
[to da Verdade,
da Verdade sem tempo e isenta de categorias.

A Sabedoria morará em mim,
e eu estarei boiando na Sabedoria,
como, no começo das coisas, o Espírito de
[Deus boiava sobre as águas re-
loucidas.

Mas não vacilarei em abandonar o meu reino,
o meu reino de quietude e de silêncio re-
velado,
para vir trazer-vos, meus irmãos de outros
[dias futuros,
as minhas derradeiras mensagens.

Oh! poetas, sérves de eleição a quem Deus
[entregou uma cruz de suplício e
uma estrela de glória,
procurai ouvir minha voz,
que ela há de falar-vos de além dos espacos
[materiais.

Oh! músicos, oh! pintores, oh! escultores, oh!
[artistas de todas as artes!

Oh! sábios, oh! filósofos, oh! sacerdotes que
[fieis de existir na intimidade dos
ídolos sagrados!

Oh! todos vós que hei de viver segundo a
[vida do espírito:
prestai atenção aos suspirios timidos das
noites cheias de ressonâncias,
pois serei eu que nelas virrei dizer-vos gran-
des palavras serenas.

A ARTE MODERNA NO BRASIL - Raul da São Vito



Orlando Teruz de Orlando Teruz

O mês de abril foi particularmente de intensa actividade para os que apresentam suas obras entre nós, por que muitos artistas de meiro apresentaram ao público suas suas amostras de arte. — Poesia, Poeta, Poeta e Poeta.

O primeiro dia exposição foi realizada no Instituto das Artes, que apresentou-nos os trabalhos que devem servir para a América do Norte assim de forma a expandir a sua arte. Muitos artistas se mostraram animados, e o artista permanecendo levado, restando pelo seu magnífico trabalho, o pintor povo brasileiro, simples e bonito para ser conhecido dos norteamericanos. Nos vimos notícias de que realizadas suas tradições e sua

ve paixão, segura e revelador de personalidade e cultura plástica, o artista se compareceu em descrever as suas estatutas culturais. Mas com que carinho e fazendo que encantante retrata a ingenuidade e transcendente tristeza que encontrou nas tranquilas expressões das suas modelos, encantadoras mas canhadas potes da sociedade! Perdi-las no mistério como é possível fazer arte moderna dentro do sacerdócio e belo no mesmo tempo que arte social, se não revolucionária, revelando a nossa pobreza tal qual é, conformada, bondosa e humana. — bela na sua simplicidade.

O artista nomeava com os termos que teve no mesmo tempo que faz arte da sua paixão.

revelando os dons de desenho que possui, autorizando-o a grande recursos técnicos e sua alma sincera e pura, que tão bem sabe captar e transmitir-nos a indeterminada tristeza do nosso povo humilde e pacífico.

se pode fugir a certas verdades? Nossa cultura, como farta essa é, tem que ter com que se desenhe no prisma de V. Os juízes eram formados, partindo de visão restrita, os meus quadros não transfiguraram a beleza dessas pinturas. Se quando, por indicação dos membros do júri, eu chamei o pintor Santiago, me foi concedido o prêmio suplementar, que tal homenagem para o meu Capivari? A praia

Nordeste e Teruz expõem presentemente no Museu de Belas Artes e ambos já são bem conhecidos nos meios artísticos do Brasil e do estrangeiro. A primeira, com a sua fina sensibilidade, nos revela em seus bonitos desenhos a arte feminina por excelência. Retrata a alma da mulher no que ela posse de requinte e de delicadeza enquanto que Teruz, com a sua importante exposição exibe o vigor de seu talento. Teruz venceu no caminho que se traçou quando ainda nos cavaleiros acadêmicos e nunca tiveram com a sua arte. Vitorioso hoje, depois de haver alcançado a própria consagração acadêmica com a mesma expressão dos frascavilmente da arte moderna entre nós fazia dele um rebelde, um insubmissivo, a obra de Teruz, olhada em seu conjunto, alcança uma homogeneidade impressionante. Possuindo hoje maior firmeza no desenho, mas, poderosa a manifestação criadora, mais apurada a sua especialização técnica, o que tornam Teruz incomparável, é o artista que, mesmo ainda, vê o seu ideal de arte se impôr e triunfar!

Temos a satisfação de apresentar o grande artista noinquérito de "Arteiros e Littera" e assim dignificarmos aos leitores distantes da nossa capital, pela sua própria palavra, um pouco da sua arte.

Passamos a formular as questões que lhe foram apresentadas e que com tanta gentileza Teruz se prontificou a responder, assim como apresentámos o autor-retrato do pintor, a reprodução de dois de seus quadros e o "fac-simile" das suas assinaturas:

— Como encara a sua própria pintura dentro do movimento moderno, e qual o ponto de vista em que se coloca com referência à sua arte?

— Qual as suas primeiras experiências e realizações?

— Quando esteve em público?

— Qual as premiações que obteve, os principais encargos artísticos que realizou?

— Qual são hoje as suas aspirações?

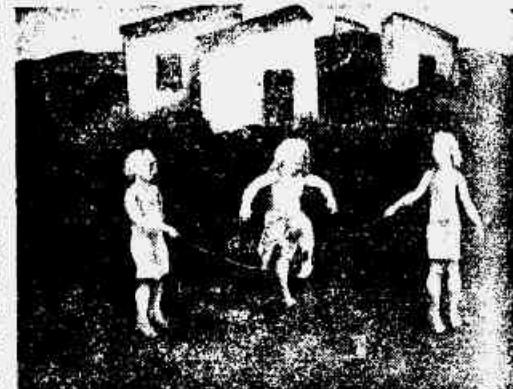
— Existe, na sua opinião, diferença entre "arte acadêmica" e "arte moderna"?

— Onde que havia conveniência em me seja criado, no Brasil, um Museu de Arte Moderna?

— Qual deve ser o critério de seleção e de classificação dos trabalhos, no caso de um estudo geral da arte moderna brasileira?

— Como encara a sua própria pintura dentro do movimento moderno e qual o ponto de vista em que se coloca com referência à sua arte?

Dentro do movimento moderno, a minha arte pode se caracterizar por uma tendência Neo-Clássica, porque adotei em sua realização, embora inspirada em motivos novos e atuais, principalmente nos temas populares brasileiros, processos técnicos de pintores antigos que julgo impossível desrespeitar. Pode-se fazer arte moderna, mas não



Orlando Teruz — "Retrato da esposa do artista"

do era ainda aluno interno do Colégio Salesiano. Mas naturalmente desde os primeiros contatos com os pintores e que senti a minha vocação resolvi entrar para a Escola Nacional de Belas Artes, onde fiz um curso de 8 anos. Fui aluno de Batista da Costa. De Lucílio de Albuquerque fui aluno um só dia, porque quando fui aula ele mandou que "não pisasse um cubo de gesso". Achei horrível! Mas, até certo ponto, foi bom, pois da conceção e caminho de minha liberdade. Achel o cubo monotonio e inexpressivo. Resolvi, então, desechar uma estética greca que estava no fundo da sala.

O professor não gostou e eu desertei. Preferi desculpar na galeria das estátuas. Fiz muito de ver livre. Nas primeiras férias passei a desenhar nas salas semanais intercalares, produzindo um desenho por semana, depois um por hora, pois, preparava-me para o concurso de pintura. Vou a hora. Os candidatos tinham mais ou menos uma semana para executar no desenho da estátua. Não precisei desse tempo, fiz a minha prova na primeira hora do primeiro dia, e tirei o primeiro lugar no concurso. Dessa tempo em diante me dediquei som arduo ao estudo da pintura. Começava a expor no Salão onde facilmente obtive as medalhas de bronze e de prata. Mas, depois do ano de 1928, a minha pintura começou a exibir o seu caráter pessoal e a se libertar.

— Quando esteve em público?

— No Salão oficial, em 1928, em exposições individuais que fiz no Rio e São Paulo.

— Quais são as suas realizações?

— Pintar sempre e permanentemente centros de arte.

— Existe, na sua opinião, diferença entre arte, "arte acadêmica" e "arte moderna"?

— Sim. Existe também diferença entre Arte Acadêmica e Arte Moderna, com a diferença entre os falso-fakes e os verdadeiros.

— Creio que haverá concordância em que seja criado, no Brasil, um Museu de Arte Moderna?

— Deve haver um Museu de Arte Moderna, como há de ser os certos de Arte Moderna.

— Qual deve ser o critério de seleção e de classificação dos trabalhos, no caso de um estudo geral da Arte Moderna?

— Colégio de seleção de cores,

TERUZ

Orlando Teruz

"Fac-simile" das assinaturas do pintor Orlando Teruz



Orlando Teruz — "Retrato da esposa do artista"

